



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

LAINÉ RODRIGUES DOS SANTOS

QUE LUGAR OCUPA A “OUTRA DA OUTRA”?
GÊNERO, RACISMO E SEXISMO NO BRASIL

GUARABIRA-PB

2023

LAINÉ RODRIGUES DOS SANTOS

QUE LUGAR OCUPA A “OUTRA DA OUTRA”?
GÊNERO, RACISMO E SEXISMO NO BRASIL

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentada a/ao Coordenação /Departamento do Curso História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito a obtenção do grau de licenciada em História.

Área de concentração: História e estudos culturais – etnia, crença, gênero e sensibilidade.

Orientadora: Prof^a Dra. Dayane Nascimento Sobreira

GUARABIRA-PB

2023

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S258q Santos, Laine Rodrigues dos.
Que lugar ocupa a "outra da outra"? gênero, racismo e sexismo no Brasil [manuscrito] / Laine Rodrigues dos Santos. - 2023.
52 p. : il. colorido.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2023.
"Orientação : Profa. Dra. Dayane Nascimento Sobreira ,
Coordenação do Curso de História - CH. "
1. Corpo. 2. Feminismo . 3. Mulheres negras . 4. Ditadura da beleza. I. Título

21. ed. CDD 305.4

LAINÉ RODRIGUES DOS SANTOS

QUE LUGAR OCUPA A “OUTRA DA OUTRA”?
GÊNERO, RACISMO E SEXISMO NO BRASIL

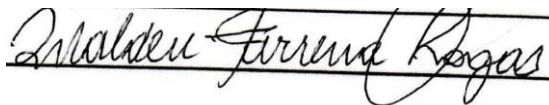
Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia)
apresentada a/ao Coordenação /Departamento do
Curso História da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito a obtenção do grau de
licenciada em História.

Aprovada em: 26/05/2023

BANCA EXAMINADORA



Prof^ª Dra. Dayane Nascimento Sobreira (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba



Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas
Universidade Estadual da Paraíba



Prof^ª Dra. Susel Oliveira da Rosa
Universidade Estadual da Paraíba

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por até aqui ter me ajudado e ter me dado forças nos momentos em que só queria desistir.

Agradeço à minha família pelo apoio, pelo incentivo e por nunca terem duvidado da minha capacidade, mesmo quando até eu duvidei.

Agradeço em especial ao meu amigo Lucas, sem dúvida um anjo na minha vida, minha duplinha acadêmica; como sempre dizemos um para o outro: “que bom que a gente se tem”. Minha gratidão é imensa e nunca vou esquecer do quanto você me ajudou e me deu a mão nos piores momentos.

Agradeço ao meu namorado Benedito Eduardo, por me ouvir nos meus momentos mais exaustos e me obrigar a descansar mesmo quando resistia a ir.

Agradeço a meus amigos que a Universidade me deu, em especial os *xuxus*, que formamos uma família. Obrigado Ray, Vanessa, Lala, Elaine, Lucas e Helton, pelos trabalhos feitos, pelas brincadeiras e pelo carinho. Aqui também agradeço meu amigo Eduardo (Dudu) por fazer parte da minha história.

Agradeço aos meus amigos da minha cidade, por vibrarem comigo sempre que eu dizia estar terminando. Obrigada Lívia, Lulu, Rosa, Eduardo, Adrian e Jepheson.

Aos meus amigos no geral, sintam-se abraçado e citados, todos vocês foram e são importantes.

Agradeço à Professora Susel Oliveira, por ter despertado em mim através de suas aulas uma forma mais humanizada e amável de ver as pessoas.

Agradeço ao Professor Waldecir Ferreira Chagas, por ter me ajudado na minha formação de identidade enquanto mulher negra.

Agradeço à minha orientadora maravilhosa, Dayane Sobreira, a dona da risada mais fascinante. Obrigada pela paciência, pelo incentivo e por nunca me deixar desanimar.

Agradeço aos meus professores da Universidade por todo conhecimento.

Agradeço a todos os professores que passaram por mim e que sempre me motivaram a seguir o caminho da educação.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo principal discutir a existência das mulheres negras a partir de uma perspectiva da “Outra da Outra” (KILOMBA, 2019), promovendo, assim, uma discussão em torno da questão de gênero e dos problemas que mulheres pretas enfrentam, como o racismo, tendo assim que lidar com várias formas de opressão, e, além destas, com a ditadura da beleza que envolve a padronização do corpo perfeito, e assim relacionar gênero, etnia e corpo padrão. A análise dessas questões foram feitas através do aparecimento das mulheres na história e suas participações efetivas na sociedade por meio do feminismo, que dá voz a algumas categorias de mulher, o que nos leva a refletir sobre as motivações que levaram ao surgimento do feminismo negro e sua luta, além de pensar nas mulheres como seres plurais e de diversas curvaturas, contribuindo, assim, para que se rompa com o padrão de mulher universal estabelecido pelo patriarcado em simbiose com o racismo. Esse trabalho foi desenvolvido a partir de uma inquietação que eu tinha quando pensava sobre como homens e mulheres são tratados de formas distintas na sociedade e principalmente se fossem negros e negras. Me dediquei a pesquisar sobre relações de gênero, racismo e sexismo no Brasil e a partir da leitura de livros de escritoras negras como Grada Kilomba, Chimamanda Ngozi Adichie, Sueli Carneiro e outras me levaram a ver situações do meu dia a dia como oportunidade de ser resistência e de defender uma memória ancestral, fazendo o exercício de se descolonizar e assim refletir de forma ainda mais crítica sobre o racismo e a desigualdade de gênero. Esperamos que essa pesquisa possa contribuir para futuras problemáticas em torno da temática e que novas perguntas surjam em torno da questão de gênero, corpo feminino e questões raciais.

Palavras-chave: Corpo. Feminismo. Mulheres Negras. Ditadura da beleza.

ABSTRACT

The present work has as its main objective to discuss the existence of black women from a perspective of the "Other of the Other" (KILOMBA, 2019), thus promoting a discussion around the gender issue and the problems that black women face, such as racism, thus having to deal with various forms of oppression, and, in addition to these, with the dictatorship of beauty that involves the standardization of the perfect body, and thus relate gender, ethnicity, and standard body. The analysis of these issues was made through the appearance of women in history and their effective participation in society through feminism, which gives voice to some categories of women, leading us to reflect on the motivations that led to the emergence of black feminism and its struggle, besides thinking of women as plural beings and of various curvatures, thus contributing to break with the universal woman standard established by patriarchy in symbiosis with racism. We hope that this research can contribute to future problematics around the theme and that new questions emerge around the issue of gender, female body, and racial issues.

Keywords: Body. Feminism. Black Women. Beauty dictatorship.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. DIAS MULHERES VIRÃO	11
2.1. As mulheres vistas com naturalmente inferiores e perigosas	11
2.2. As conquistas feministas do século XX	15
3. É PRECISO ESTAR ATENTA E FORTE	19
3.1. A emergência de um feminismo negro	19
3.2. As tentativas de silenciamento: vozes negras importam	28
4. A LIBERDADE É UMA LUTA CONSTANTE	35
4.1. O aprisionamento do corpo: a busca incansável pela beleza	36
4.2. Que lugar ocupa a “Outra da Outra”?	42
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS.....	53

1. INTRODUÇÃO

Escrever sobre mulheres era a única certeza que eu tinha quando estava decidindo qual seria o tema e o recorte temporal desse trabalho. A outra certeza era que queria escrever sobre o controle do corpo feminino; no meu caso, além de ser mulher, sou negra, e isso muda tudo. Enquanto mulher negra, escrever esse Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) significa resistência, porque assim como é comum a todas as mulheres, eu cresci em meio a esses dispositivos de controle, sejam eles pelo sexo, pela minha cor ou por ambos.

Desde criança eu e minha irmã éramos instruídas sobre as maneiras corretas de se portar nos lugares e do que eu poderia ou não conversar na frente do meu pai, já que alguns assuntos pareciam incomodá-lo, como, por exemplo, citar nomes de meninos nas conversas mesmo sendo colegas de sala, falar de algum casal apaixonado na televisão, gostar de dançar, usar blusas chamadas de “tomara que caia” ou coisas mais simples como rir alto, pois pra ele isso soava como “amostramento” e ele não desejava ter uma filha assim, e, adivinha?! Eu sou assim!

Foi na adolescência que esses dispositivos de controle se tornaram ainda mais presentes e os conflitos começaram, eu devia começar a ter cuidado com minhas amizades para “não se perder” muito cedo, meninos nem pensar, a ideia de querer namorar o aterrorizava, eu devia esperar meus 15 anos, poxa. Da minha mãe era cobrado que ela nos educasse e aconselhasse bem, até porque qualquer sinal de deslize ela seria culpada por ter falhado no seu papel de boa mãe. Além de lidarmos com o machismo, ainda tínhamos que aguentar o racismo quando fomos para escola e por parte de alguns familiares, lembro da minha mãe sempre dizer: “fazem isso porque minhas filhas são pobres e negras” e mesmo sem saber o que aquilo significava, eu entendi desde cedo que eu não seria a noiva na quadrilha ou a rainha do milho, afinal minha cor não era “ideal”. Minha mãe é branca de pobre, meu pai é negro e teve a mesma origem e muitas vezes essas discussões veem à tona.

Por muito tempo fui controlada por esse discurso machista e racista que me oprimia e me impedia de ser verdadeiramente eu e na minha forma de ver o mundo. O sistema patriarcal presente na estrutura da nossa sociedade nos aprisiona em correntes tão invisíveis que demoramos a perceber, ele é sorrateira e se apresenta com argumentos sólidos de que este sistema de dominação masculina sabe o que é melhor para nós mulheres. De antemão, trago esses exemplos da minha vida pessoal para que possamos refletir que mesmo no século XXI, uma era tecnológica e dita moderna, ainda temos que lidar com mentalidades arcaicas e que causam impactos negativos na vida das mulheres, que todos os dias são violentadas, assediadas,

mortas e desrespeitadas. Além de sofrerem com a pressão psicológica da mídia e da sociedade, que sobrecarregam essa mulher incutindo a ideia de que ela precisa estar dentro dos padrões da beleza e do padrão da moralidade, ainda temos que lidar com situações que são homens que decidem ou tentam decidir sobre o corpo feminino, tratando a mulher como antagonista do seu próprio corpo, uma ação de controle promovida pelo patriarcado e que têm piorado com o aumento das forças conservadoras.

É incômodo vivenciar esse tipo de acontecimento, até a nova lei da laqueadura entrar em vigor em março deste ano (2023), ainda era seguida a antiga legislação que preconiza que homens precisavam autorizar as mulheres designadas como “suas” a fazer uma laqueadura, este que é um procedimento de esterilização feminina em que tubas uterinas são cortadas, no entanto isso mudou e elas têm poder de decisão. Homens também interferem quando o assunto é a legalização do aborto, são os primeiros a darem suas opiniões, como, por exemplo, a questão da inserção do DIU (dispositivo intrauterino) que é um contraceptivo para evitar gravidez e que até pouco tempo atrás era necessário que o parceiro da mulher que desejasse colocar o mesmo autorizasse que a inserção fosse feita, o que termina por negligenciar a vontade das mulheres sobre seus corpos. Essa antiga exigência do consentimento do parceiro em relação à inserção do DIU é uma forma de controle do corpo feminino e resgata memórias de um passado de maior domínio e opressão que se tinha sobre o corpo das mulheres em outros momentos da história.

Por muito tempo foi difícil ouvir a voz das mulheres já que eram silenciadas, o local a elas destinados era o interior da casa, não participavam da vida pública e antes essa era a única história produzida, não era interessante escrever sobre a figura feminina, afinal ela era apenas à mãe, esposa e dona de casa a quem isso interessaria. Além da religiosidade ser frenética principalmente na Idade Média, em que era visto como perigoso dar voz às mulheres, afinal elas causaram desordem até no paraíso, imagina do que seriam/são capazes aqui na terra(!).

É importante lembrar que por muito tempo essas questões eram vistas como impossíveis de serem discutidas, tendo em vista que é nítido o silenciamento das mulheres na história e dos seus corpos; as fontes sobre elas são escassas, suas vidas eram vistas como sem importâncias, o que se sabe sobre elas se dá a partir de materiais historiográficos produzidos por homens em forma de crônicas, relatos e imagens. Isso vai dizer mais do que esses homens pensam delas do que sobre o que queriam e querem ao longo da história, eram carregados de estereótipos e generalizações, sendo, assim, tratadas como invisíveis na sociedade e no início do séculos XIX e XX elas começam a aparecer nas pesquisas da época e começasse a se frisar sua importância.

No entanto, apesar das forças conservadoras e do patriarcado avançarem, as mulheres continuam batendo de frente nessas conjunturas para conseguirem mais direitos, que não se

resumem a direitos políticos, econômicos ou educacionais, mas de exercer plenamente suas liberdades, que é uma luta constante e de resistência.

De acordo com Jacques Le Goff e Nicolas Truong (2006, p. 15), “o corpo foi esquecido pela história e pelos historiadores. Ora, ele foi e continua a ser o ator de um drama”. E como os autores colocam, o corpo sempre será um ator de um drama, principalmente o corpo feminino, que por muito tempo não teve seu lugar na história, em que as pessoas temiam descobri-los. Era importante que estivessem cobertos, protegidos dos maus intencionados e guardados para assim garantir sua pureza, que poderia ser facilmente perdida, por isso a vigilância era necessária, não só por parte dos familiares, mas dos vizinhos, da Igreja e do Estado.

Isso porque as mulheres foram colocadas por muito tempo em papéis secundários na história, eram poucas vezes citadas, sempre substantivadas de forma pouco enfática como "humanidade", "pessoas" à margem da sociedade, porque elas não tinham voz, eram silenciadas pelos seus pais, seus maridos, pela Igreja e pelo Estado, como ocorreu, por exemplo, no governo de Jânio Quadros (1961) através da promulgação de leis específicas. Seus corpos foram esquecidos, eram apenas carnes, sem significado, que poderiam ser violentadas, como algo natural, designadas apenas aos papéis de senhora do lar, a filha, a mãe e a esposa, aquela que tinha apenas afazeres domésticos, que não deviam ter vaidades exageradas e não mostrar seus corpos para não provocar tumulto na sociedade. As moças eram colocadas como grandes troféus por seus pais para serem entregues a seus pares, então era imprescindível que sua conduta fosse impecável, que se casassem virgens e cientes dos seus deveres como esposa, a ideia de subserviência, uma padronização do comportamento feminino que era socialmente aceita, a mulher obediente, mãe e assexuada, que não sente prazer, que é monogâmica; essa foi e ainda é a versão aceitável para o que se entende culturalmente como corpo feminino.

Portanto, para esse tema iremos trabalhar a partir da análise do corpo feminino e suas formas de opressão, a violência de gênero e suas derivações, o racismo, e a ditadura da beleza, e problematizar a construção pejorativa em torno do corpo gordo. Fazendo, assim, uma análise de como mulheres brancas e mulheres negras acabam por compartilhar de problemas comuns, mas que ainda existe uma hierarquia vigente por conta da cor da pele e das classes sociais. Nosso principal objetivo é falar da existência (principalmente) da mulher negra como a Outra da Outra, as diversas categorias de mulher, em como suas realidades mudam em razão da sua classe, cor de pele e estrutura do corpo. Com uma ênfase maior sobre a sexualização e depreciação do corpo da mulher negra, fazendo o exercício que Grada Kilomba em seu livro “Memórias da Plantação” (2019) traz na perspectiva de quem é a Outra da Outra.

Temos a apresentação de quatro capítulos: no **primeiro** (Dias mulheres virão) falamos sobre a construção ocidental-colonialista as mulheres como inferiores e perigosas, as conquistas feministas. No **segundo** (É preciso estar atenta e forte) falamos do feminismo negro e a dualidade que as mulheres negras sofrem entre a depreciação e a exaltação de seus corpos. E, por fim, no **terceiro** (A liberdade é uma luta constante) trabalhamos o aprisionamento do corpo, a busca incansável pela beleza, definição de belo, o corpo gordo e negro como alvo de críticas, o debate da Outra da Outra e as outras das Outras.

2. DIAS MULHERES VIRÃO

2.1. As mulheres vistas com naturalmente inferiores e perigosas

O que é ser mulher no princípio de tudo? Que criatura é essa que causa tanto alvoroço na sociedade? O que temos de tão especial que todos os falatórios recaem sobre nós? Por que quando somos brilhantes em algo é comum ouvirmos expressões como “pra ser uma mulher até que foi bem” ou quando é algo visto como negativo sempre pode-se ouvir “só podia ser mulher”. É sempre “apesar de” ou “por causa de” e assim os estereótipos seguem sendo produzidos e reproduzidos. Mas e então o que somos?

Como podemos querer que um simples termo carregue consigo o peso ímpar de mulheres singulares que diariamente parecem estar dentro do mesmo caldeirão, mas ao mesmo tempo algumas parecem queimar menos, apesar de todas sofrerem com a desigualdade de gênero. Ser mulher não é só nascer com as características básicas de uma mulher, não basta ter útero e ovário, não basta gerar filhos e ser mãe, é preciso mais que isso, é preciso ter orgulho de ser e não se esconder quando o assunto é sobre nós, é preciso compreender que vai além de um lógica biológica, como é o caso das mulheres trans, é juntar as vozes e entender a dor das outras que ainda usam mordanças e não conseguem gritar ou simplesmente não podem por vários motivos dentre eles os preconceitos sociais cristalizados também na cisgeneridade.

Entendo o medo de algumas ainda terem receio de auto nomearem mulher como *sujeito* e não como *objeto*, eu também tenho medo às vezes, não é fácil vestir essa camisa e ter forças para lutar contra a violência de gênero e contra essas mentes colonizadas pelo racismo, sexismo e padrões de beleza. É preciso coragem para ser mulher, te convido a ler mais sobre sua própria história, de mulheres de categoria ímpar, que não são tão vulneráveis assim e que vão lutar contra o patriarcado, a princípio não tão unidas e ainda hoje com muitas divisões, fragilidades e preconceitos devido às diferenças de cor de pele, classe social e biotipo, presença ou não de um útero. São alguns dos desafios que o movimento feminista enfrenta dentro de sua organização, mas falar disso é uma oportunidade de demonstrar que nem tudo são flores, mas que devemos acreditar que dias mulheres virão.

Vamos falar muitas vezes de como apesar de sermos todas mulheres vamos ter que lidar com padrões considerados mais aceitos pela sociedade, que é o caso da mulher branca, magra, classe média e ocidental, enquanto temos as Outras e ainda mais as outras das Outras que acabam por sofrerem outros tipos de violência. E esse padrão que vem sendo colocado como referência há muito tempo não é fácil de destruir, mas não impossível. E toda essa classificação

acaba por muitas vezes enfraquecer a força feminista que tem propósitos de inclusão para todas as mulheres, já que atualmente é um movimento heterogêneo que tem representatividade para todas e assim elas são em sua pluralidade *sujeitos*, mas sempre respeitando quem vive mais de uma desigualdade na sociedade, é importante reconhecer os privilégios e desafios de cada uma.

Historicamente o homem foi colocado como um ser superior por até entre os animais esbanjar virilidade, força, liderança e brutalidade. Enquanto a mulher, comparada às fêmeas, seres considerados hostis, sem grandes dotes, apenas a companheira dos machos e feitas para a procriação. Uma ideia construída do macho como ser ativo e a fêmea como naturalmente passiva, e que se pararmos para pensar tem muito a ver com a presença de dado órgão genital e não outro, em que desde criança o menino é designado como já se tornando um homem, a ele são designadas as tarefas que envolvem força bruta, fazer atividades mais perigosas e terem mais liberdade de ir e vim por terem nascido homens. É mais permissível que se fale de sexo com eles e também são instigados a conhecerem seus corpos, falam do corpo das mulheres na frente deles, do tamanho do pênis e do que devem fazer na cama, conhecem rapidamente a pornografia e a masturbação, eles descobrem o pênis o órgão genital que faz o então menino se sentir um “homem” e ter uma sensação de poder.

Alimentou-se a ideia de que os corpos das mulheres devem ser vigiados, controlados. Pois o mesmo é templo da alma, e se preservar o corpo, também preservará a alma, podendo, assim, alcançar a salvação. Então as mulheres vão carregar o estigma da mulher perigosa, pois o pecado original é transformado em sexual e é a manutenção da ordem dependia desse controle para que através de seus corpos outros homens não caíssem em desgraça, então o discurso moral é reproduzido pela Igreja e também por seus admiradores que vão acreditar firmemente nessa construção e aplicá-las até os dias atuais.

O silenciamento das mulheres a partir da desculpa esfarrapada da moral é o mecanismo principal para sobrevivência do patriarcado, quando se cala as mulheres o palco fica todo para os homens que acham que por direito detêm do poder de falarem de nós como bem queiram e plantar no seio social sementes da misoginia e do machismo, usando como arma o que chamam de fraqueza feminina, como a questão sexual, a luxúria, a desobediência e acusações de não seguirmos nosso destino natural que seria a submissão total a eles, como se o fato de resistir a esse sistema opressor fosse a pior escolha que se poderia tomar. E quando digo pior escolha estou me referindo ao extermínio das mulheres resistentes aos padrões estabelecidos em todas as épocas, como foi o caso do fenômeno da caça às bruxas, uma perseguição a grupos de mulheres acusadas de praticar bruxaria e de sacrificar crianças, além de serem consideradas

adeptas ao aborto por terem conhecimento de ervas e assim evitar gravidez, elas tinham o controle reprodutivo e isso não era bem visto nem pelo Estado nem pela Igreja.

Cada categoria de mulher sofre de formas diferentes com o silenciamento, umas renegam sua cor, seus corpos, sua inteligência, sua origem e todas no geral silenciam suas vontades. Apesar de parecermos carnes prontas a sermos devoradas por homens que desde crianças são ensinados que são liderança e donos de si, enquanto nós somos ensinadas a ter paciência, a só falar se for permitida, a renegar nossas vontades e viver sobre ordens hierárquicas de homens: primeiro o pai, irmãos, o esposo e pelos filhos do sexo masculino. Depois vamos ser controladas ou pelos irmos tentar por outros mecanismos de poder, como a Igreja, a Escola, Estado e ordens econômicas, que até hoje ditam regras de boa conduta para as mulheres e tentam nos encachar nos padrões de beleza e da moralidade. Estas instituições que em sua maioria são chefiadas por homens e representam o quanto o machismo e o patriarcado estão institucionalizados nas pessoas, estar enraizado na forma de pensar e agir dos indivíduos que mais parecem vírus que passam rapidamente e causam grandes estragos.

Essa perseguição se tornou constante e com objetivos maiores e mais definidos quando a ordem econômica do feudalismo da Europa Medieval estava em transição para o sistema econômico que hoje conhecemos: o capitalismo. Este que nasceu como um divisor de águas que, segundo Marx, provoca uma divisão de classes na sociedade entre proletário e proletariado. Marx pensa a partir do problema de classe, mas acabou por não problematizar como em sua teoria não se enquadravam as mulheres, sejam elas brancas ou pretas. Seguindo essa lógica, Federici (2004 p. 37) pontua: “[...] o capitalismo, enquanto sistema econômico social, está necessariamente ligado ao racismo e ao sexismo”. Então não é por acaso como as mulheres vão passar de proprietárias de terras (feudo) para serem subordinadas mais ainda a seus maridos, elas deviam parar de trabalhar em tabernas como faziam na Idade Média, e de fabricar cerveja, a procriação que antes era exigência da Igreja passa ser também do Estado e isso devido à crise demográfica que ocorreu entre os séculos XVI e XVII em que as mulheres foram excluídas das funções de trabalhadoras assalariadas para serem destinadas ao lar e assim nascer mais fortemente a construção da figura da dona de casa, a que limpa, a que lava, passa, cuida dos filhos e do marido e que isto não é considerado um trabalho, mas a sua obrigação de mulher de família. As mulheres nesse período se tornam máquinas reprodutivas para que as cidades cresçam e novos trabalhadores surjam, o filho homem era mais esperado do que nunca.

O capitalismo termina por nos inferiorizar, desvalorizar nosso trabalho, nos controlar e plantar sementes da moralidade a partir da docilização dos corpos, que tenta fazer com que as regras de conduta feminina sejam seguidas sem discussões, e, assim, com mulheres fazendo

trabalho doméstico não remunerado em suas casas, dê ao homem o pleno direito da autoridade por ser o provedor da família. Segundo Federici (2004 p. 201), “foi estabelecido que as mulheres eram inerentemente inferiores aos homens – excessivamente emocionais e luxuosas, incapazes de governar e tinham que ser colocadas sobre o controle masculino”.

É atribuído às mulheres o adjetivo de loucas e compulsivas por gastar dinheiro, suas características hormonais devido aos sintomas que antecedem a menstruação, a tão lembrada TPM (tensão pré-mestrua) usada como motivo para dizer que as mulheres são mais frágeis e dramáticas e qualquer mudança de humor e a esta característica natural é associado o motivo da desordem; as mulheres são ensinadas que são impulsivas e choronas e isso é uma vitória grandiosa para o patriarcado que deixa homens como donos do poder na maioria das organizações do mundo, além de plantar a falsa ideia de que a acumulação do capitalismo causa libertação. É uma construção quase que milenar de inferioridade quando na verdade são mecanismos do patriarcado, que teme a liberdade das mulheres, principalmente aquelas em que ele classifica como não padrão, as mulheres pretas e gordas que são dia após dia culpadas por serem como são e as indústrias da estética e das cirúrgicas plásticas insistem na remodelação do corpo e uniformidade da cor da pele, quanto mais ocidental, branca e magra parecer, melhor.

Parece que essa história se repete e se fixa como verdade dia após dia; é uma luta constante para um resgate de uma identidade feminina, mas é como a autora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie (2014) salienta quando fala dos perigos de uma história única: “se repetimos uma coisa várias vezes, ela se torna normal” (ADICHIE, 2014, p. 14). Então é justamente isso que o sistema patriarcal faz com o gênero feminino, ele reproduz estereótipos e as pessoas no geral sejam homens ou mulheres incorporam ideias machistas e misóginas. E isso acontece desde quando a mulher engravida pela primeira vez e a maioria dos pais e dos familiares se decepcionam quando descobrem o sexo do bebê e sabem que é uma menina. E porque essa frustração ocorre? Devido à ideia de que as meninas irão dar mais trabalho ao crescer, que não sabem gerenciar negócios e que a educação delas deve ser mais cuidadosa para não “desonrarem” suas famílias e estar não ficar mal falada. A descoberta do sexo já leva as pessoas a imaginarem o futuro da criança, seja menino ou menina. Como pontua Chimamanda Adichie (2014), as meninas já nascem culpadas. Culpa esta que faz com que milhares de mulheres se envergonhem de seus corpos e tenham medo de dar novos passos. Acabam muitas vezes entrando em relações abusivas, sendo humilhadas por homens nos ambientes de trabalho, tenta parecer boazinha para não ser chamada de louca ou histérica, além de nós mesmas ainda alimentarmos o tabu sobre a sexualidade feminina, a questão do prazer, das decisões sobre seus corpos, como, por exemplo, a escolha de contraceptivos, de estilos de roupas e até a própria

questão do nu que é tão comercializada e sexualizada nas plataformas digitais, revistas e mídia no geral, mas quando o assunto é sobre autoconhecimento do corpo feminino isso gera incômodo e revolta a esse sistema patriarcal que de todas as formas inibir essas mulheres de continuar nessa luta em busca da liberdade.

No entanto, em todas as sociedades há formas de resistências, mulheres vão romper com estigmas que desafiam as regras e lutam por um bem maior que a liberdade de serem o que realmente são. É tanto que na Idade Média a Inquisição castigou e matou várias mulheres por elas terem ido contra o que haviam delimitado como natural para as mesmas, mas seus saberes resistiram, pois, como pontua Foucault (2013), onde há poder há resistência.

2.2. As conquistas feministas do século XX

As mulheres sempre foram resistência; a resistência é uma palavra feminina. A herança que o patriarcado nos deixou é esse ódio contra as mulheres, tanto vindo por parte dos homens quanto de nossos próprios pares. E apesar de vivermos em pleno século XXI e termos vencido muitos desafios, ainda não é tão fácil viver, nossa vida ainda anda em risco, mulheres são mortas todos os dias, o feminicídio não é *mimimi* de feminista, a ideia de meu corpo minhas regras não é lacração é um pedido de respeito.

As mudanças na produção historiográfica, desde o início do século XX principalmente no campo da História Cultural, foram importantes para que mesmo a passos de tartaruga a história das mulheres começasse a ser escrita, apesar de ser uma produção historiográfica centrada nas altas damas da sociedade, elas começam a ter nomes e sobrenomes e a ultrapassar a barreira da invisibilidade. Aos poucos as mulheres populares começaram a virem à tona na escrita da história. Isso em decorrência do discurso marxista que vinha ganhando força tentando dar voz aos oprimidos devido o movimento da classe operária e a reivindicação de direitos. Apesar de Marx não ter trabalhado com a relação das mulheres com o capitalismo e sua exploração na sociedade, é impossível falar do capitalismo e não envolvê-las (a ver, por exemplo, os escritos de Alexandra Kollontai e outras), já que elas (nós) foram (somos) as mais afetadas com essa nova ordem mundial, que são colocadas em caixinhas e têm seus espaços demarcados em categorias e somos diminuídas o tempo inteiro pelo simples fato de sermos mulheres.

Atualmente as mulheres ocupam cargos de poder, trabalham e teoricamente têm o direito ir e vir, ou seja, têm liberdade de escolha, apesar de quanto mais perto do topo chegamos menos mulheres encontramos, é uma pauta que está em discussão e que demonstra o machismo

escancarado. Mas alguns comportamentos herdamos das antigas sociedades apesar das mulheres serem reconhecidas como seres de liberdade ainda são aprisionadas por questões de gênero, as mulheres são destinadas a papéis na sociedade e tentam controlar seus corpos através da maternidade, do casamento, das suas vestes e ainda as classificam em categorias discriminatórias entre aquelas que merecem a moralidade e dignidade e aquelas ditas como mulheres da vida em que o gênero masculino as menospreza enquanto pessoas e tira delas o direito de serem respeitadas

A democracia em alguns países despertou nas mulheres atitudes militantes em que almejavam equiparação de direitos a princípio políticos e econômicos, as *sufrajetes* ou *sufragistas*, conhecidas assim em razão de que a palavra voto é originária do latim *suffragium*. Eram grupos de militantes mulheres em sua maioria, mas que alguns homens também eram simpatizantes do movimento. Estas agiam fazendo reuniões para discutir medidas de resistências que consistiam em mostrar suas reivindicações que muitas vezes chegavam ao senado e à imprensa, que informava a população do que estava acontecendo, o que causava uma divisão de opiniões entre aqueles que apoiavam e as que viam aquilo como vadiagem, ganharam bastante espaço e apoiadores em países da Europa, Estados Unidos e no Brasil. Sua organização foi importante para mostrar ao mundo de que elas não ficariam mais caladas, essas mulheres se reuniam e falavam de tudo, dos seus medos, desejos e de assuntos considerados inapropriados que mulheres conversassem, como de sexo, de política, de movimentos de resistência. O simples fato das mulheres se reunirem em locais privados já era um grande passo pois não era permitido que mulheres se reunissem sem a presença de um homem ou de mulheres de natureza religiosa, como freiras; abrir essa oportunidade para trocar experiências era um ato revolucionário.

Além de ganhar espaço na produção historiográfica, desde o fim da Primeira Guerra Mundial, por volta de 1920, as mulheres ganharam espaços trabalhando nos espaços públicos, elas se sentiam eufóricas e donas de si, poder trabalhar nas fábricas lhes proporcionou um sentimento de serem úteis dentro da lógica do capital, e para além dos seus trabalhos reprodutivos, que não precisam esperar pelos seus maridos e pais para conquistar seus sonhos, ou seja, galgar espaço no trabalho remunerado, produtivo. Nesse mesmo período as mulheres começaram a ingressar nas universidades e ganhar espaço na Academia, agora viam a possibilidade de independência, tanto financeira quanto de pensamento.

No entanto, o trabalho nas fábricas não foi um filme romântico daqueles que conseguir o primeiro emprego muda nossas vidas e tudo fica melhor, as mulheres agora como operárias além de enfrentarem a insalubridade das fábricas, conviviam com o assédio, estupros, abusos

psicológicos por parte dos patrões e ainda ganhavam menos que seus companheiros, que antes da guerra eram os provedores da casa. No caso das mulheres negras, ainda tinham que lidar com o racismo diário e dependendo da organização fabril, ganhar menos que as mulheres brancas e ficarem em cargos de maior uso de força bruta e em condições mais precárias. Outro ponto importante a ser debatido é que elas não eram apenas operárias, mas continuavam sendo mães, esposas e ainda deviam se mostrar femininas para não serem consideradas lésbicas por desempenharem funções masculinas, então não era só uma jornada exaustiva de em alguns casos mais de 12h de trabalho nas fábricas, era fazer a dupla jornada em casa com o cuidado das crianças, alimentação e serviços domésticos. Este que não eram vistos como obrigação dos moradores da casa, mas de responsabilidade exclusiva das mulheres.

A divisão sexual do trabalho era bem explícita, homens e mulheres que na Idade Média desempenharam em alguns momentos a mesma função nas formas de trabalho, como os cônjuges camponeses trabalhavam juntos no feudo, com a instauração do capitalismo, a divisão de gênero finalmente é concretizada, as mulheres são excluídas do trabalho assalariado e a submissão ao gênero masculino é a exigência básica da sociedade. E após a primeira e a segunda Guerra Mundial período em que as mulheres já ocupavam muitos espaços nas fábricas não havia vagas suficientes para os soldados que retornaram, os meios de comunicação nesse período como os jornais começam a persuadir essas mulheres a retornarem a suas casas e deixarem o verdadeiro provedor ocuparem as funções demandadas nas fábricas, além da investida nas propagandas de teor doméstico que eram feitas e então dava-se início à domesticação feminina. Nem todas retornaram, mas a maioria sim e acreditavam que seus destinos eram a maternidade, o casamento e os cuidados do lar.

E foi no período do final do século XIX e século XX, que a mulher como doméstica se intensificou. Pensar num modelo de mulher como cuidadora do lar, que faz tudo pra manter a casa limpa, os filhos educados e o marido satisfeito, e não recebe nenhuma remuneração pelo seu trabalho, muito pelo contrário, deve poupar o que seu marido lhe dá de dinheiro para as despesas da casa, muitas vezes tendo que fazer serviços de costura ou de lavadeira para conseguir manter as despesas em dia. Há até hoje uma preocupação com o sentimento dos homens, medir a fala para não magoá-los e sempre manter em casa um ambiente confortável e estar em prontidão a qualquer pedido seu.

Nesse período o medo da mulher ser vista como gastadeira ou preguiçosa era tremendo e com os avanços da modernidade a mulher trabalhava mais e mais e sua casa deveria parecer uma casinha de boneca, sempre arrumada à espera de que ao chegarem as visitas elogiassem seu desempenho. E neste caso estamos falando das mulheres de famílias da média e alta

sociedade, as famílias das classes populares não poderiam transformar suas casas em vitrines, limpeza era importante. Sabe aquele ditado popular *“Feio não é ser pobre, feio é ser sujo”*, esse ditado faz total sentido nesse contexto. Nas famílias pobres a modernidade chegou com a exigência da limpeza, ser moderno era ser limpo e como sua casa não havia luxo, era o mínimo que podiam oferecer. Trazer as diferenças de classe entre essas mulheres é importante para refletirmos em como temos vidas diferentes, mas que se juntam devido à forma de opressão comum que é o sexismo. Até porque quando avaliamos outros pontos, como o sonho das mulheres brancas de classe média trabalharem, era uma realidade da maioria das filhas das mulheres negras que desde cedo estavam em serviço na casa do senhorio branco. Tanto que uma mulher ser chamada de trabalhadeira era um elogio, mas categorizar essa mesma mulher de trabalhadora é colocá-la em local que não devia ser seu. De acordo com Pinsky (2013, p. 244):

No início do século XX, a participação feminina no trabalho fabril era significativa. Porém, embora a operária fosse tida como mais respeitável que a prostituta, não merecia a mesma consideração que a mulher “do lar”. Com relação ao trabalhador do sexo masculino, também estava em desvantagem, sendo considerada força de trabalho menos capacitada, recebendo um pagamento menor pelas mesmas atividades e perdendo o emprego ao casar-se ou engravidar.

Além da “mulher do lar” ser vista como o protótipo feminino perfeito a ser seguido, as mulheres que trabalhavam nas fábricas deveriam ter cuidado para não engravidarem e perder seus empregos. Era comum a mulher esconder que estava grávida e trabalhar até o dia do nascimento da criança, muitas morriam no parto por não se alimentarem direito durante a gestação ou as crianças nasciam com alguma deficiência por ingestão de água contaminada pela mãe. Os abortos também eram comuns e também perigosos. E o mais interessante nisso tudo é que a mulher considerada máquina de reprodução não é aceita quando esta trabalha, a mulher do lar tinha a maternidade romantizada; são máquinas geradoras de novos trabalhadores, o capitalismo aprisiona seus corpos e os coloca em desvantagem de todas as formas. Para as moças pobres, esse sonho de mulher do lar era distante, já que em meados de 1960 apesar da modernidade, das cidades crescendo e de locais como cafeteiras, restaurantes, salões de festas a moral da mulher ainda era muito cobrada, no caso das moças de classes abastadas estas tinham que caminhar pelas ruas vendendo alimentos, vegetais, frutas, elas não eram consideradas o padrão de mulher ideal, ainda eram vistas como fáceis e sem respeito, principalmente quando estas eram negras.

3. É PRECISO ESTAR ATENTA E FORTE

3.1. A emergência de um feminismo negro

As feministas da dita primeira onda por meados do século XIX vão ser recebidas não apenas com aplausos por parte de seus apoiadores, mas também com uma enxurrada de críticas e xingamentos; a luta feminista é ainda muito banalizada, vista como aquela feita por mulheres que se consideram feministas, logo anti-homens, e que querem ser superiores aos mesmos.

Sofreram e ainda sofrem com a pressão do mito da beleza em que são caracterizadas como mulheres feias e mal educadas, como se a mulher ela não pudesse ser bonita e consciente, como pontua Wolf (1992, pp.78): “a cultura estereotipa as mulheres para que se adequem ao mito nivelando o que é feminino em beleza-sem-inteligência ou inteligência-sem-beleza. É permitido às mulheres uma mente ou um corpo, mas não os dois ao mesmo tempo”. Por esses motivos de natureza machista que visa desqualificar as mulheres em todas as funções que ela exerce, principalmente as que precisam as que atuam na ciência, que produzem estudos na academia ou que simplesmente têm conhecimentos baseados nas suas experiências e crenças, como é o caso das benzedeadas. São atribuídos estereótipos que mulher bonita não questiona e mulheres feias que estão insatisfeitas e revoltadas, sustentando, assim, o paradigma criado em torno delas, caracterizadas historicamente de histéricas e loucas. E muitos grupos de mulheres se ofendiam ou simplesmente odiavam as outras que estavam tentando mudar esse percurso discriminatório do patriarcado e assim ecoa a rivalidade feminina.

O medo de se assumirem feministas para não serem taxadas de feias, lésbicas e anti-homens, de não serem aceitas na sociedade era recorrente para aquelas que preferiam ser chamadas de femininas. A ideia era de uma padronização estereotipada de que mulheres feministas queriam ser homens e iriam se vestir de forma masculina para ganharem espaços e tomarem seus lugares com o objetivo de eliminar os homens dos âmbitos públicos e privados, o que não era verdade e nunca será. A princípio, como dito acima, o feminismo não nasce com essa ideia, como pontua Gonzalez (2020, p. 118):

É inegável que o feminismo, como teoria e prática, desempenhou um papel fundamental em nossas lutas e conquistas, na medida em que, ao apresentar novas questões, não apenas estimulou a formação de grupos e redes mas também desenvolveu a busca por uma nova maneira de ser mulher. [...] Ao demonstrar, por exemplo, o caráter político do mundo privado, desencadeou um debate público no qual emergiu a tematização de questões completamente novas — sexualidade, violência, direitos reprodutivos, etc.

No entanto, apesar de importante, é ainda um feminismo limitado. Lélia Gonzalez vai nos chamar atenção para o esquecimento da questão racial como condição para que se possa romper com essa identidade universal de um feminismo de padrões eurocêntricos, no qual nessa primeira onda as atuantes do movimento eram mulheres brancas, classe média e ocidentais. No entanto, isso não quer dizer que mulheres negras não tenham participado, mas que as reivindicações beneficiariam mais esse grupo do que as outras mulheres, porém foi de extrema importância para fincar os pés do feminismo na sociedade e promover as primeiras mudanças. Mais tarde, com a segunda onda no final de 1970, em um momento de crise democrática, com a instauração da ditadura militar, teremos a participação efetiva de outras categorias de mulheres, trazendo problemáticas em torno da igualdade de gênero em todas as áreas da sociedade, na forma de tratamento nos setores públicos e privados, em que lutam pela defesa do corpo livre de mulheres que são violentadas de todas as formas e diariamente taxadas de prostitutas por usarem o que quiserem e falar de sexo com naturalidade, como se isso nunca tivesse sido feito. Além de falar de um feminismo negro e dar voz às Outras das Outras, e finalmente dar o protagonismo que merecem nessa luta.

Quando falamos do feminismo muitas vezes ainda é branco em que a luta feminista não engloba todas as problemáticas, é ainda mais focado na luta contra o sexismo, que é o machismo, o patriarcado capitalista, e a busca pela igualdade de gênero. Mas quando se trata de um país como o nosso em que desde o início da colonização das terras brasileiras as mulheres negras e indígenas vêm sendo dizimadas e tratadas como não humanas, tratadas como animais, um verdadeiro sentimento de posse sobre elas, abrimos espaço para falar da emergência de um feminismo negro. Devido à falta de representatividade e falta de preocupação com as mulheres negras e indígenas que além de enfrentar o sexismo, também são obrigadas a lidar com o racismo, assim como também com a xenofobia e com as desigualdades sociais, já que o Brasil é um país classista e misógino que numa escala de prestígio social, as mulheres, e, sobretudo negras e indígenas, ocupam os últimos lugares. E para fomentar essa discussão de como o feminismo foi necessário que houvesse uma ramificação da sua organização para que as Outras pudessem existir, Nesse exercício trago Carneiro (2003), que problematiza com excelência essa questão:

Ou seja, grupos de mulheres indígenas e grupos de mulheres negras, por exemplo, possuem demandas específicas que, essencialmente, não podem ser tratadas, exclusivamente, sob a rubrica da questão de gênero se esta não levar em conta as especificidades que definem o ser mulher neste e naquele caso (CARNEIRO, 2003, p. 119).

A partir desse pensamento é impossível que quando falamos de mulheres e lutarmos pelo direito das mesmas que possamos refletir se essa luta engloba as *Outras das Outras* ou se ainda estamos bebendo da fonte da colonialidade e deixando de discutir o racismo, gênero e classe que se manifesta de formas diferentes em cada grupo de mulheres, no caso das mulheres brancas o racismo não é um problema para as mesmas, mas a violência de gênero é comum a todas elas. E vejamos bem, minha intenção não é separar as mulheres para que lutem separados, mas que o feminismo se torne também um movimento plural e heterogêneo, que não haja uma cara para o feminismo, que este seja eu mulher preta e pobre, mas que represente as mulheres indígenas, trans e também brancas.

Acerca dessa questão Ribeiro (2017) vai trazer um ponto bastante interessante de como as preocupações das mulheres brancas e negras se diferem quando se trata de ter o mínimo dentro de uma sociedade: “enquanto àquela época mulheres brancas lutavam pelo direito ao voto e ao trabalho, mulheres negras lutavam para ser consideradas pessoas” (RIBEIRO, 2017, p. 34). Isso porque as mulheres negras sempre trabalharam nos serviços mais pesados e hostis. As propagandas dos jornais e da televisão falam da mulher ideal, que estaria sempre bem vestida, perfumada, aprendendo a bordar, cozinhar, a se comportar a mesa, o que não era uma realidade para as mulheres pretas. Estas que sempre tiveram seus corpos explorados, violentados e são obrigadas a desde crianças se virarem nesse mundo, não têm uma vida cor de rosa, nem sonham acordadas com o príncipe encantado, sonhamos com o fim do racismo, mas dia após dia a humanidade é tirada de nós, como se aguentássemos tudo. Confira esse diálogo da série brasileira ¹*Coisa mais linda* que mostra como isso se faz presente na sociedade:

- Malu: Eu tava lutando pelo meu direito de trabalhar. Eu deixei meu filho na casa da minha mãe. Eu tô tentando fazer alguma coisa pela minha vida, só que tá muito difícil.
- Adélia: Chega Malu! Lutando pelo meu direito de trabalhar? Eu trabalho desde 8 anos de idade. A minha vó nasceu numa senzala e é difícil. Eu trabalhei 6, 7 dias na semana. Saía de casa às 4 horas da manhã, ficava uma hora no ônibus na ida, mais hora hora no ônibus na volta. E chegava em casa e a Conceição tava dormindo. Tudo isso pra colocar um prato de comida na mesa! Isso sim pra mim é relevante.
- [Malu tenta interromper]
- Adélia: Eu não acabei! Eu sinto tanta da Conceição todas as horas do meu dia. Seu filho já te pediu alguma coisa que você nunca vai poder dar?
- [Malu faz sinal de negação]
- Adélia: A minha já!
- Malu: Você tem razão, a gente não é igual.

¹ *Coisa mais linda* (2019) é uma série de época que se passa por volta de 1950 e que retrata as mulheres no resguardo social em que não era bem visto trabalhar fora e muito menos ter seu próprio negócio. Esta se encontra disponível na *Netflix* e conta com um elenco muito bom, entre elas as protagonistas da cena, Maria Casadevall interpretando Malu, e Adélia por Pathy Dejesus. Segue o link para assistir a cena no Instagram: <https://www.instagram.com/p/BvK-GcLn7M2/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>. Acesso em: 11 abr. 2023.

Nessa cena podemos verificar a desigualdade e como a braquitude se coloca num pódio em que ela sofre mais que todos e as pessoas negras por não reclamarem são mais fortes e aguentam não mais. Fechando os olhos para o racismo e a violência que mulheres negras são expostas e oprimidas no cotidiano. Por isso o feminismo negro nasce em caráter emergencial com o objetivo dar voz àquelas que não se viam representadas pelo movimento, que foram silenciadas por mais de 300 anos de escravidão e que as tentativas de silenciamento continuam até os dias atuais, em que mesmo após abolição ainda precisam da tal carta de alforria, mesmo que metaforicamente falando. Essa carta se faz presente quando temos que provar que moramos em um determinado condomínio e o porteiro novo não nos conhece, quando estamos numa festa e alguém manda que tragam mais bebidas para os convidados como se uma negra numa festa só pudesse ser a garçonete. Ou quando, ao se vestir de forma mais sensual, sermos confundidas com prostitutas e de forma instantânea se sentirem no direito de nos tocar ou quando pessoas negras entram em lojas e são seguidas pelos seguranças, como se um negro numa loja não pudesse ser um possível cliente e sim um assaltante.

Mas ainda tem o poder público que diz que racismo é coisa de americano e quando casos assim vão a mídia sempre divide opiniões, entre os brasileiros que se chocam e os que acham exagero, como, por exemplo, o caso da mulher negra que foi barrada em uma loja da Zara no Ceará por “motivos de segurança”². Parei pra ler a matéria no G1, o título dizia: *“delegada negra barrada na loja da Zara poderia ter prendido segurança por racismo, diz polícia civil”*. Isto ocorreu em um shopping no Ceará; seu nome é Ana Paula Barros, é delegada e trabalha na Polícia Civil, estava com uma sacola de uma loja popular nas mãos e não entendeu os motivos de ter sido barrada. A Zara, que é uma loja de roupas de grife e tem um status de alta costura, tem, querendo ou não, um público-alvo e pessoas pretas parecem não fazer parte do seu portfólio. O segurança a impediu de entrar e ela compreendeu que sua cor foi o real motivo, ela poderia ter decretado voz de prisão naquele momento por ser uma autoridade da lei, mas não o fez porque nem ela acreditava que estava passando por isso. Ela processou a loja e na retratação a explicação descabida da loja foi que a cliente estava sem máscaras e tomando sorvete e por isso não poderia entrar. No entanto, quando a polícia pediu as filmagens se recusaram a entregar e só fizeram depois de uma intimação que demorou alguns dias para ser autorizada, o que nos leva a questionar para que tipo de pessoas essas lojas de grifes são feitas e como os profissionais que trabalham nas mesmas são instruídos. O fato de não entregar as filmagens de prontidão já nos dá uma resposta, havia algo muito errado. A frase que mais me chocou dessa matéria foi a

² Disponível em: <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2021/09/20/delegada-negra-barrada-em-loja-por-racismo-poderia-ter-prendido-seguranca-de-loja-diz-policia-civil.ghtml>. Acesso em: 03 abr. 2023.

seguinte: “a polícia investiga o caso como suspeita de racismo”. Isso mesmo, suspeita, o que me leva a perguntar o que mais precisaria para essa atitude infame ser considerada racismo, faltou chamá-la de macaca? Pra se tornar explícito e assim ser configurado como tal?

Nesta matéria eu pude perceber três pontos cruciais para que possamos pensar sobre as mulheres negras e as formas de opressão que as assolam: a primeira é quando ela é barrada a priori por ser negra, a segunda é por estar com sacolas consideradas de lojas baratas nas mãos e a terem julgado como pobre, a terceira é forma como tratam um caso de racismo como “suspeita” porque se trata de processar uma loja “de pessoas brancas”; era necessário cautela. Partindo desse pressuposto, entramos no campo do perigo da história única como pontua Chimamanda: “é assim que se cria uma história única: mostre um povo como uma coisa, uma coisa só, sem parar, e é isso que esse povo se torna” (ADICHIE, 2019, p. 12).

Então uma mulher negra, ela só pode ser pobre, ladra, prostituta, mãe solteira e nada mais que isso. Tais situações nos fazem lembrar-se das dores que nossos antepassados sofreram por serem pretos e pretas, essas dores continuam, não mais na senzala e no tronco das grandes fazendas, mas nas senzalas do dia a dia em que as mãos são atadas ao denunciarmos atitudes racistas e nada ser feito sobre isso ou simplesmente desacreditar da justiça já que nosso sistema de leis nunca teve nada de justo, na realidade nos enxergam como tudo de pior e nos fazem acreditar que este é o lugar que merecemos: a hostilidade e a miséria. Este não é uma atitude isolada, é um caso de uma delegada, imaginem o quanto as outras classes sociais sofrem com isso e a visibilidade e reflexão é zero. É mais que uma atitude isolada, é estrutural, são memórias que apesar de passadas, continuam vivas e dolorosas.

Quando falo sobre essa memória viva estou falando de como a história que se repete e só muda os personagens, mas nós pessoas pretas continuamos no alvo da branquitude e nos colocam em papéis subalternos, sempre na figura do outro, sem identidade, sem história, mas uma idealização do que a supremacia branca tem do povo negro. Grada Kilomba (2019) pontua isso muito bem quando traz para nós que: “[...] pois no racismo o indivíduo é cirurgicamente retirado e violentamente separado de qualquer identidade que ela/ele possa realmente ter” (KILOMBA, 2019, p. 39). Parece que sempre fomos escravizados/as, que não tínhamos uma vida antes, quem eram nossos antepassados antes de serem violentamente colocados nos navios negreiros, como viviam, de que grupo étnico faziam parte em virtude da nossa pluralidade de línguas e costumes. É urgente encontrar nossa identidade e não a identidade que forçadamente nos enfiaram de goela abaixo, mas um resgate dessa memória ancestral, quando ainda não éramos resumidos apenas a negros, africanos e pobres, mas resgatar nosso legado que também tiveram reis, rainhas e princesas ou de guerreiros/as e de como eram as religiões de matriz

africana sem o medo da demonização e destruição, saudades de quando éramos pessoas e não tínhamos medo de ser quem éramos. É muito difícil viver a vida paralela de ser humano quando o discurso é para passar a imagem de um país harmônico em questão de raças e ser tratado como animais no dia a dia e sermos caçados/as pelas autoridades.

Segundo Kilomba (2019, p. 29), “o racismo não é apenas um passado colonial, mas uma realidade traumática”. O sujeito negra/o que passa por essa situação começa a ter medo de andar na rua sozinho, de andar de mochila, de vestir roupas curtas, no caso das mulheres temerosas de serem confundidas com prostitutas, de assumirem seus cachos ou seus crespos, de denunciarem crimes por acharem ou terem certeza que a lei não está do nosso lado, é odiar a polícia por saber que levará baculejo e o meu amigo branco não, ou pelo menos de uma forma menos agressiva.

É o racismo presente em tudo, são pessoas pretas que passam por isto e têm que por vezes se limitar ao sistema opressor. E dentro do âmbito do racismo, temos suas ramificações para entender como ele se manifesta na sociedade e se mantém muitas vezes como “natural” do comportamento humano, são estes: o racismo estrutural, que é quando o sujeito branco faz parte da estrutura dominante e está inserido nos melhores cargos políticos e quando donos dos meios de produção são as pessoas brancas, enquanto o povo negro é colocado às margens.

Outro tipo de racismo é institucional, que é muito perceptível quando se trata das leis. Vamos ao caso de Gabriel Silva Santos, que era repositor de supermercados e perdeu o emprego devido a pandemia da Covid-19, estava recebendo seguro desemprego e um dia decidiu ir ao banco, quando estava lá foi abordado pela polícia militar que já chegou atirando e acusado de roubo de carro que ocorreu em junho e ele infelizmente batia com a descrição: pele negra, loiro e tatuado. Sem nenhuma pergunta, levaram ele e o colocaram em uma sela com mais 16 presos e em nenhum momento foi dado o benefício da dúvida, a família que foi roubada veio fazer o reconhecimento e afirmaram que não havia sido ele, mas mesmo assim ele ficaria preso por cinco dias, se não fosse a agilidade de seus advogados e da pressão nas redes sociais ele não estaria solto tão rápido. Na reportagem do Jornal A Tarde³, a repórter Ashley Maria relata:

Aqui temos uma polícia extremamente violenta e violenta com pessoas negras. Vivemos em uma cidade que é majoritariamente negra, mas somos vistos como suspeitos, como alvo. Nós não temos o direito de ser inocente até que se prove o contrário. O caso de Gabriel é mais uma prova do quanto estamos diante de um Estado racista.

³ Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-06-15/gabriel-foi-presos-por-roubo-a-unica-prova-foi-a-cor-de-sua-pele.html>. Acesso em: 05 abr. 2023.

Isso evidencia o mundo que vivemos e especificamente em que país, um país que é culturalmente racista, onde as leis foram feitas por pessoas brancas, não temos vantagens e aqui primeiro se prende ou se mata para perguntar se *o negrinho* era culpado ou não e concordo sobretudo quando dizem que a polícia é racista e vejo como os jovens negros são perseguidos e humilhados por serem como são. O outro tipo de racismo é o cotidiano que na escola é facilmente confundido por bullying e nada é feito, é só um xingamento, desde cedo somos ensinados a deslegitimar nossa dor e ouvir piadas racistas como *negrinha do cabelo duro*, *pixain*, *tição*, *negro/a da senzala*, *cocô* e etc. Além de expressões como: “*catanga de nego*”, “*nego quando não caga na entrada caga na saída*”, “*se você fosse mais clara seria bonita*”, “*precisa nem tomar banho, vai continuar sujo*”, “*preto desse jeito parece ladrão*”, “*gosto das negas porque são fogosas*”, entre outros absurdos que me dão ânsia. Quando começo a pensar sobre isso me recordo como Lélia Gonzalez trata essa temática do racismo cotidiano quando traz no seu texto “Racismo e sexismo na cultura brasileira”:

... Foi então que uns brancos muito legais convidaram a gente prá uma festa deles, dizendo que era prá gente também. *Negócio de livro sobre a gente, a gente foi muito bem recebido e tratado com toda consideração. Chamaram até prá sentar na mesa onde eles tavam sentados, fazendo discurso bonito, dizendo que a gente era oprimido, discriminado, explorado.* Eram todos gente fina, educada, viajada por esse mundo de Deus. Sabiam das coisas. *E a gente foi sentar lá na mesa. Só que tava cheia de gente que não deu prá gente sentar junto com eles.* Mas a gente se arrumou muito bem, procurando umas cadeiras e sentando bem atrás deles. Eles tavam tão ocupados, ensinado um monte de coisa pro crioulo da platéia, que nem repararam que se apertasse um pouco até que dava prá abrir um espaçozinho e todo mundo sentar juto na mesa. Mas a festa foi eles que fizeram, e a gente não podia bagunçar com essa de chega prá cá, chega prá lá. A gente tinha que ser educado. E era discurso e mais discurso, tudo com muito aplauso. *Foi aí que a neguinha que tava sentada com a gente, deu uma de atrevida.* Tinham chamado ela prá responder uma pergunta. Ela se levantou, foi lá na mesa prá falar no microfone e começou a reclamar por causa de certas coisas que tavam acontecendo na festa. Tava armada a quizumba. A negrada parecia que tava esperando por isso prá bagunçar tudo. E era um tal de falar alto, gritar, vaiar, que nem dava prá ouvir discurso nenhum. Tá na cara que os brancos ficaram brancos de raiva e com razão. Tinham chamado a gente prá festa de um livro que falava da gente e a gente se comportava daquele jeito, catimbando a discurseira deles. *Onde já se viu? Se eles sabiam da gente mais do que a gente mesmo?* Se tavam ali, na maior boa vontade, ensinando uma porção de coisa prá gente da gente? Teve uma hora que não deu prá agüentar aquela zoadá toda da negrada ignorante e mal educada. Era demais. Foi aí que um branco enfezado partiu prá cima de um crioulo que tinha pegado no microfone prá falar contra os brancos. E a festa acabou em briga... Agora, aqui prá nós, quem teve a culpa? Aquela neguinha atrevida, ora. Se não tivesse dado com a língua nos dentes... Agora ta queimada entre os brancos. Malham ela até hoje. Também quem mandou não saber se comportar? *Não é à toa que eles vivem dizendo que “preto quando não caga na entrada, caga na saída”...* (GONZALEZ, 2020, p. 62) (grifos nossos).

Nessa citação Lélia Gonzalez mostra para nós o racismo em todos os níveis nessa citação, em cada grifo traz para nós uma compreensão específica de como a hegemonia branca

tem um retrato falado sobre nós e por muito falou por nós e deixou uma educação eurocêntrica implantar uma cultura como certa e as outras como erradas. Nos grifos podemos refletir como algo tão perigoso pode ser naturalizado: “*negócio de livro sobre a gente, a gente foi muito bem recebido e tratado com toda consideração. Chamaram até prá sentar na mesa onde eles tavam sentados, fazendo discurso bonito, dizendo que a gente era oprimido, discriminado, explorado*”. Novamente nos coloca no lugar de subordinação e só conta a história antes da libertação dos escravos como se não tivemos uma história antes e depois desta data. Agem como estivesse fazendo um favor ao contar nossa história na maioria das vezes por mentes colonizadas e repletas de estereótipos. Dizem nos receber bem, mas isso é verdade até a página dois, continuamos sendo a maioria que é vítima de violência e em trabalhar nos serviços menos valorizados na sociedade, como é o caso dos serviços domésticos e assim as diferenças são criadas e o diferente é visto como feio, incomum e estranho, apesar da maioria da população brasileira ser negra.

No próximo grifo, “e a gente foi sentar lá na mesa. Só que tava cheia de gente que não deu prá gente sentar junto com eles”. É quase um obrigado pelas migalhas oferecidas, é quando o negro/a abdica de ser ela/ele mesma/a para deixar o branco tomar seu lugar, quando as pessoas negras justificam o racismo e acham que também têm os privilégios da pessoa branca, é como se incorporasse o personagem e não visse o óbvio: o racismo nu e cru. Tudo isso porque como pontua Ribeiro (2017, p. 28): “a estética branca não é estigmatizada. Ao contrário: é colocada como bela, como padrão”. E assim muitos renegam suas origens por vergonha por estar enquadrado naquilo considerado aceito. É uma tentativa de inferiorizar a presença das pessoas negras quando apenas brancas estão nos holofotes e as negras normalmente por trás das cortinas fazendo o espetáculo acontecer. Seguindo o próximo grifo: “*foi aí que a neguinha que tava sentada com a gente, deu uma de atrevida*”. Se uma mulher branca quando se levanta para falar causa alvoroço, pelo fato de ser mulher, quando se é negra os brancos a olham com repulsa, é quase uma “volta pra cozinha, lá é seu lugar” e ainda adjetivá-la de atrevida soa como as mulheres negras são estigmatizadas e que sua fala deveria ser descartável; a hierarquia de gênero e o racismo os colocam como a Outra em todas as situações. Como figuras subalternas, sendo sobretudo a empregada ou prostituta e ambas não têm voz, ainda usam máscaras, não têm identidade e sofrem com a falta de representatividade no sistema educacional, mídias, na economia e na política, o que faz com que tenha apenas a mesma imagem erótica e empobrecida da mulher negra, em que as mesmas precisam se esforçar sempre mais que a mulher branca para ser reconhecida, é um fardo pesado e fico aliviada de poder confessar isso.

Nesta aqui: *“onde já se viu? Se eles sabiam da gente mais do que a gente mesmo?”*, é colocar o povo negro novamente na figura de não inteligentes como se suas fantasias e sonhos com eles não fossem além disto e ainda dizem como negros/as deveriam e devem ser, como subservientes e silenciosos para não atrapalhar o que a branquitude criou sobre nós, a idealização do preto como burro, feio e pronto para ser explorado sem reclamar. É estranho porque parece que temos vergonha de falar não quando exageradamente nos pedem alguma coisa e principalmente quando estou num lugar de pessoas brancas em maior número. Nos infantilizam como se fossemos dependentes deles e que eles sabem mais de nós do que a gente mesmo. Como Gonzalez (2020, p. 69) confirma: “[...] lhes nega o estatuto de sujeito humano. Trata-os sempre como objeto.” Mas se esqueceram que não somos “criado-mudo”⁴ há muito tempo e esses objetos são atualizados eles falam e podem contar sua verdadeira história.

A última que destaco é mais problemática porque está facilmente no dia a dia, você só precisa ser negro/a para ser dirigida a você: *“não é à toa que eles vivem dizendo que “preto quando não caga na entrada, caga na saída...”*. Aqui transmite todo o nível de frustração que a branquitude tem com ela mesmo e transfere para o sujeito negro, o colocando em um lugar de destruidor e o lembrando que ele/a não foi feito para a vida em sociedade, mas para ser animalizado e domesticado porque sozinho/a só faz cagada e são os brancos que vão limpar sua barra, afinal eles são a norma aceita pela sociedade, que eles mesmos criaram as regras de etiqueta e criaram as hierarquias, já perceberam como somos educados a sempre ouvir e nunca questionar, principalmente se você é pobre. É difícil mais do que nunca ser resistência. Kilomba (2019, p. 38) nos lembra bem: “em outras palavras nós nos tornamos a representação mental daquilo como que o sujeito branco não quer se parecer”.

Por isso falo da emergência de um feminismo negro, é mais que necessário que principalmente no caso das mulheres pretas seus corpos deixem de ser vistos como públicos e sejam tratadas como gente. Precisamos lidar também com o sexismo que no seio social vê as mulheres como aproveitadoras e famintas por sexo. “Mas ela queria”, “olha a roupa que ela estava usando”, “ela fez de tudo pra chamar minha atenção”, como se tudo se resumisse à necessidade de ter um homem. E quando este tipo de situação é denunciada, a culpa sempre recai sobre nós, e quando é com mulheres negras a situação é pior, sempre o estereótipo da

⁴ Segundo a teoria de iniciativas que buscam eliminar o uso preconceituoso da língua, o termo "criado-mudo" faria referência "aos criados, geralmente pessoas escravizadas, que deveriam segurar objetos para seus senhores e eram proibidos de falar". Por esse motivo, conforme informou a BBC, o dicionário da Defensoria Pública recomenda a substituição da palavra por “mesa de cabeceira”. Disponível em <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/conheca-possivel-origem-racista-do-termo-criado-mudo.phtml>. Acesso em: 06 abr. 2023.

mulher preta ardente, sedutora, lasciva, que só serve para o sexo e nada mais. A mulher branca geralmente é para casar e isso transformar a mulher negra novamente na outra.

3.2. As tentativas de silenciamento: vozes negras importam

O silenciamento e a depreciação do corpo negro é o que mais me incomoda e me deixa intrigada, é quando vejo pessoas negras sendo tratadas como se fossem invisíveis, tirando de nós a categoria de humana, isso me entristece profundamente. Tudo começa, quando somos crianças em que as meninas e meninos negros não são figuras de protagonismo nos eventos escolares, só se lembram de nós e que merecemos respeito no dia da consciência negra. Na quadrilha a noiva e o noivo sempre são crianças brancas e filhas de pessoas com melhores condições financeiras, enquanto a cigana é sempre a “neguinha do cabelo duro” que é pobre. Isso contribui para a perpetuação de estereótipos, alimentando o racismo estrutural mesmo que de forma inconsciente ou na maioria das vezes consciente. E essas crianças crescem e se tornam homens e mulheres que não recebem assistência nem da Escola e muito menos do Estado para quebrar esse padrão.

Quando que a carta de alforria vem mesmo? A espero desde de 1888. Quando que nós negros e negras iremos parar de usar máscaras e assumir quem somos sem sentir medo do racismo? É uma pergunta difícil de responder, isso porque o racismo nos aprisiona em jaulas e nos colocam em exposição no zoológico da vida, é uma jaula bonita muitas vezes, nos dão migalhas para ficarmos quietos e esperam de nós uma boa apresentação e que no final a gente agradeça pela oportunidade de permitir que negros se mostrem. E quando permitem que se mostrem é com o intuito de se mostrarem não racistas e preconceituosos, aí colocam gente negra para trabalhar na TV, nas novelas, nas séries, nas propagandas e tentam criar representatividade até nos produtos de cabelo, como por exemplo a mídia mostrar cabelos cacheados e crespos como de rainhas, sendo que a maioria dos produtos das marcas são para cabelos lisos, pois é o que enxergam como belo.

O capitalismo lucra em cima da proposta do não racismo, mas não é qualquer negro que se encaixa nessa pauta, existem categorias de com que tipo de negro ou negra iram trabalhar, geralmente os negros que pareçam brancos, que tenham feições finas, magros, tenham um belo corpo, no caso das mulheres, um bumbum bonito, tenham boas condições e que sejam bem aceitos pelo público. Mas geralmente são os mesmos rostos negros, no caso da emissora de televisão Globo temos as atrizes negras em destaque: Taís Araújo, que foi a primeira atriz negra a interpretar uma protagonista na emissora, na novela *Xica da Silva*, além de Sheron Menezes,

Cris Vianna, Juliana Alves, Lucy Ramos e Camila Pitanga, são as mais conhecidas e vistas nas telinhas. O que todas elas têm em comum é o fato de possuírem traços finos, um corpo magro, mas não esquelético, com cintura fina e bumbum grande, cabelos cacheados, longos ou volumosos. E, acredite, elas são os verdadeiros exemplos de comentário como: “uma negra assim é bonita”. Uma negra colocada dentro dos padrões brancos e com corpo padrão que a sociedade procura, as mulheres pretas que não têm dinheiro para cuidar do cabelo como elas, são consideradas feias e sujas.

Outro nome de mulher negra bastante conhecida é Maria Júlia Coutinho conhecida como Maju, ela é jornalista e apresentadora do Fantástico atualmente, no entanto ficou conhecida por apresentar a previsão do tempo no Jornal Nacional. Ela já foi vítima de racismo várias vezes, nas redes sociais principalmente, descarregam ódio em cima dela, recebeu comentários como: “só conseguiu emprego no JN por causa das cotas, preta macaca” e outro chocante: “não tenho TV colorida para ficar olhando essa preta não”. Maju, no seu pronunciamento, disse que lida desde pequena com isso e ela processou essas pessoas e lembra que tem tanto direito quanto as tais.

A partir de comentários racistas como esses, percebemos como Maju Coutinho tem sua identidade retirada, seus anos de estudos jogados pela janela e atrelam sua posição na emissora e no jornal como consequência da sua cor, como se não tivessem capacidade de chegarem lá; tiram dela sua humanidade, a xingam para tentar fazer a mesma xingar de volta, e a colocarem como selvagem. Tentam diminuir a mesma enquanto intelectual por acreditarem que apenas os brancos sabem passar conhecimento, a tratam, como coloca Lélia Gonzalez (2020), como *infans*, que quer dizer infância, aquele que precisa ser guiado, que é dependente do outro.

Para a mulher negra é pior porque enquanto os negros não têm um lugar natural, mas gozam do privilégio de serem homens, a mulher negra é cobrada por quebrar as regras do patriarcado e aparecer para as pessoas como independente, negra e intelectual:

Por isso ela é violenta e concretamente reprimida. Os exemplos não faltam nesse sentido; se a gente articular divisão racial e sexual de trabalho fica até simples. Por que será que ela só desempenha atividades que não implicam em “lidar com o público”? Ou seja, em atividades onde não pode ser vista? Por que os anúncios de emprego falam tanto em “boa aparência”? Por que será que, nas casas das madames, ela só pode ser cozinheira, arrumadeira ou faxineira e raramente copeira? Por que é “natural” que ela seja a servente nas escolas, supermercados, hospitais, etc. e tal? (GONZALEZ, 2020, p. 70).

Falando metaforicamente ainda precisamos da tal “carta de alforria” e ainda temos que lutar muito pela liberdade! Não fomos liberados em 1888 e muito menos pela bondade da

princesa Isabel, mas porque fomos e somos resistentes, e voltar de onde viemos não é opção, não vamos nos calar apesar da insistência do silenciamento, colares só como acessórios não como castigos e se calar só pra ouvir outra/o preta/o falar da militância e das suas experiências.

Por isso é tão importante que estejamos atentos aos movimentos, às produções de pessoas negras, ler autoras/es negras/os na Academia, que ainda é um espaço bastante limitado em relação a promover a decolonialidade, ainda é um espaço de bases curriculares eurocêntricas, que aprendemos sobre os heróis brancos, mas esquecemos de Zumbi dos Palmares, por exemplo e de muitos outros e outras que nos representam nessa história.

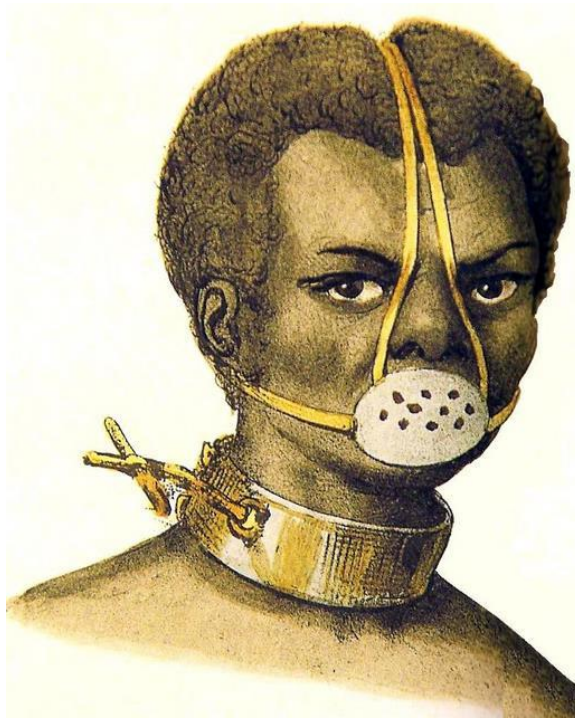
Essa proposta de uma educação decolonial deve também chegar na escola para que desde cedo o processo de descolonização do conhecimento ocorra e as meninas e meninos negros se sintam representados na história e aos poucos possamos romper com o padrão eurocêntrico e patriarcal. Pois alguns assuntos parecem proibidos de serem discutidos na escola, que são a história dos indígenas, dos negros/as, e das mulheres, como perdemos detalhes tão importantes ou simplesmente um sistema não quer que sabíamos.

Eu, por exemplo, vim conhecer mais sobre esses assuntos na Universidade, eu passei a compreender porque eu não gostava das aulas de História ou porque sentia que tinha que me esforçar mais que minhas colegas que eram brancas. Foi na Academia que conheci Grada Kilomba, Chimamanda, Lélia Gonzalez, bell hooks, Denise Sant'Anna, Lilia Schwartz e aprendi a valorizar a micro história e várias/os outras autoras/es que me promoveram autoconhecimento. Foi aqui que conheci Anastácia a partir de Grada Kilomba e compreendi como muitas vezes eu usei máscaras e fui silenciada, como se eu não estivesse ali, como se meu pai, um homem negro, não tivesse voz, como se meu avô, que trabalhou em fazendas no interior das Minas Gerais já após 1888 (a tão falada abolição da escravatura), naquela época as notícias não circulavam tão rápido, nem todo mundo tinha rádio e mesmo após a Lei Áurea nem todo dono de engenho cumpriu o que foi dito como lei. Meu avô foi tratado como se não fosse gente, como se não fosse humano, apenas um corpo a ser explorado, para não apanhar, o silenciamento era a única opção, se calar para não ser espancado, se calar para não ser morto.

Me identifico com a Anastácia, pelo menos com a metáfora da máscara, ela não pode arrancar sua máscara e fugir, mas ajudou muitos/as a tirarem as suas. Antes de saber minha origem e minha história enquanto mulher negra eu deixava que máscaras fossem colocadas em mim, eu reprimia minhas vontades para fazer a do outro, me calava diante do preconceito com meu cabelo cacheado e queria alisá-lo, mesmo minha mãe dizendo que era lindo. Mas o pessoal da escola não achava lindo, me diziam que minha cor não combinava com vermelho e por muito tempo não usei, deixava as meninas brancas ganharem o crédito por responder às perguntas

certas mesmo sendo eu quem emprestava o caderno para elas. Minha opinião não era validada, eu entendi desde cedo que para me destacar deveria estudar sempre mais que as outras para ser elogiada. Censuram nossas vozes o tempo todo, assim como fizeram com Anastácia na escravidão, o que temos em comum? Somos negras e negras são ditas como aquelas que aguentam tudo, mas não são vistas como heroínas, na realidade “mulheres negras historicamente são tratadas como desumanas, e nossos corpos, como meras mercadorias” (RIBEIRO, 2017, p. 23). Mas então pode a subalterna falar? Por que manter em segredo as atrocidades do colonialismo, escravidão e das violências sexuais?

Figura 1 – Anastácia amordaçada



Disponível em: <https://images.app.goo.gl/hv3sM2XjxeRmuNuT6>. Acesso em: 07 abr. 2023

Anastácia simboliza toda uma geração de escravizados que passaram pelo horror da escravidão, em que foram humilhados, explorados, maltratados e dizimados, tiveram sua identidade retirada e forçados a uma nova cultura, tratados como seres primitivos, eram considerados selvagens por não aceitarem de forma dócil a colonização. Mas o que eles esperavam? Que iam sentar e dizer: “venham podem me levar e me tratar como bicho”?! Ao contrário do que a história única dos escravizados propaga, eles não foram pacíficos, lutaram contra a opressão, mas os brancos tinham armas, eram dominadores natos, a resistência, para tanto, continuou e os senhores de engenho sempre temeram sua revolta, por isso o chicote, a

senzala, o tronco, os abusos sexuais e psicológicos, por isso as máscaras, os colares de ferro, por isso a maldade.

Não existe um consenso sobre a origem de Anastácia, mas dizem que ela foi uma princesa africana da família Kimbundo e que é originalmente da Angola, seu nome verdadeiro não era Anastácia esse foi dado por um senhor de engenho, outra teoria é que ela havia nascido na Bahia, e não sequestrada da Angola, e trazida para o Brasil em navios negreiros. O fato de não sabermos seu nome de nascimento já implica como era o tratamento dos escravizados/as ao chegarem aqui em terras brasileiras ou em qualquer região de colonizadores, seu passado e sua história ficariam para trás, famílias foram separadas e nunca se encontraram de novo, como se fossem uma página em branco e que era o colonizador que escrevia sua história a partir daquele momento.

Anastácia era agora a Outra, não ela mesma, estava sujeita às humilhações do senhor e da sinhá, ela usava uma máscara que significa que sua voz, sua opinião, não era válida, aquela máscara de ferro era pesada e só era retirada para comer e muito mal. Segundo relatos dessa época, ela usava essa máscara como forma de castigo por se recusar a ter relações sexuais com o seu senhor ou que foi a sinhá com ciúmes dela que providenciou essa máscara. O que, paramos para refletir, refere-se a como as mulheres negras são alvo das violências sexuais por serem taxadas de mulheres fáceis e quentes – é o que chamamos hoje de sexismo. Usava também um colar de ferro ao redor do pescoço muito pesada, o que ocasionou a doença de tétano que a levou à morte.

Não só Anastácia usou essas máscaras, muitos escravizados foram forçados a usar principalmente na época de colheita da cana de açúcar para impedir que os escravizados/as famintos chupassem a cana. Era usado também em escravizados/as que tinham fama de comer barro para causar suicídio, não era uma preocupação com a vida de seus subalternos, mas temiam perder os mesmos por serem considerados propriedade do senhor. A única coisa que os escravizados/as tinham era a sua vida, como pontua Eliane Potiguara (2018, p. 23), no contexto dos povos originários, mas que aqui também se aplica: “o suicídio em massa como forma de resistência a opressão”, e a máscara tirava essa única autonomia: a decisão de viver ou morrer.

A máscara, enquanto invenção colonial, não era nada mais nada menos que um objeto concreto que simboliza o medo do opressor em ouvir o que oprimido tem a dizer. Na verdade, quem metaforicamente usa a máscara é o colonizador branco, a braquitude que tem medo de se olhar no espelho e enxergar o quão cruéis são, sem se esconder em falácias de que se a colonização não ocorresse não seríamos desenvolvidos, ainda viveríamos como os “índios” incivilizados; isso é só uma desculpa da colonialidade para amenizar seus atos genocidas contra

negros/as e indígenas. É uma forma de se distanciar da culpa e transferir tudo de ruim para o sujeito negro, como se eles tivessem nascidos naturalmente para tal e eles só seguiram o curso ao trazerem para cá e massacrarem os mesmos, não falo só de vidas, mas de memórias de um povo, de uma etnia que foi e ainda é impedida de ser protagonista da sua história, mas as memórias estão na pele, eu sinto, você negro/a também sente, e essa é nossa verdadeira resistência.

Figura 2 – Anastácia livre, obra do artista visual Yhuri Cruz (2020)



Disponível em: https://www.facebook.com/MidiaNINJA/posts/1753230011501803/?locale=pt_BR.

Acesso em: 04 mai. 2023

Nessa imagem relida pelo artista visual Yhuri Cruz, Anastácia sorri. Ela que é um símbolo de resistência para as mulheres pretas, pois apesar das violências que foi vítima e do tratamento que recebeu, podemos comparar a um animal, pois usava um colar de ferro no seu pescoço, muito pesado por sinal, no qual ela não poderia tirar por nada, como se fosse um cachorro amarrado pela coleira. Foi vítima de violência sexual, verbal, não verbal, física, pois era punida por ajudar outras/os escravizados a fugir dos engenhos. É tratada com muito respeito pelas religiões afrodescendentes e é cultuada na Umbanda. Anastácia usou também uma máscara de ferro, que só tirava para comer e que simbolizava, mesmo que metaforicamente, a resistência das pessoas negras contra o sistema opressor em todas as esferas sociais, na escola,

na Academia, no trabalho, na vida em comunidade, e, no qual, muitas vezes para não apanhar ou para não sofrer represálias, tivemos que usar a máscara da Anastácia, mas que (confio!) aos poucos cairá em desuso – por isso a resistência é necessária.

Portanto, o feminismo negro, ao surgir em caráter emergencial, visa discutir não só a violência de gênero, mas a violência que ocorre em razão da sua cor, o racismo. A libertação das mulheres do patriarcado é uma luta digna e importantíssima para a conquista de novos espaços, mas ser antirracista é também contribuir para essa causa que é imprescindível, pois ser mulher nessa sociedade implica questões econômicas, educacionais, de gênero, de “raça”, mas sobretudo política, e precisamos sair de nossas bolhas e enxergar a necessidade da Outra da Outra e torná-las (tornarmo-nos) *sujeitos/as*.

O início do século XX fez barulho na sociedade, as mulheres ganharam espaço, encurtaram as saias e tiveram a abertura para direitos políticos, algumas começam a trabalhar pela primeira vez, outras esperam pelos direitos trabalhistas, porque trabalham desde crianças. Não existe um modelo de mulher, existem mulheres e suas realidades, mas o que todas esperam é por *dias mulheres* que se aproximam. Afinal, a luta continuará constante, enxergando e extinguindo a intersecção de estruturas – que nos atravessam.

4. A LIBERDADE É UMA LUTA CONSTANTE

Atualmente há um tabu menor em relação ao uso de biquínis, por exemplo, (embora dependendo de quem o use, ainda há muito tabu), pois é visto como falta de respeito, no entanto, enfrentamos problemas com os estereótipos e da exigência para ter um corpo padrão, são novos desafios e sempre haverá.

Temos uma infinidade de modelos de biquíni e os considerados pequenos ainda são muito falados, os homens sexualizam ainda mais o corpo feminino e as mulheres passam pela areia das praias como se estivessem numa passarela e os jurados são ainda mais exigentes. As mulheres gordas são alvo de piadas e comparadas a animais como baleias, ou dizem que seus biquínis foram feitos de lonas de circos, as magras esqueléticas também são apontadas por não terem glúteos avantajados e seios fartos. Todas sofrem com a ditadura da beleza e problemas relacionados ao corpo como: anorexia, bulimia, obsessão por cirurgias plásticas e procedimentos estéticos. É algo que toma conta de nós e faz se perdemos de nós mesmas procurando a perfeição inalcançável. Antes a perfeição inalcançável era de uma casa sempre limpa e bem arrumada, na contemporaneidade esse lugar foi preenchido pelo corpo padrão, pele perfeita e roupas da moda.

A dita “segunda onda” do feminismo (meados de 60 e 70) ajudou a romper com esse ideal da figura doméstica, mãe e esposa, que agora conquistaram o direito de trabalhar, no entanto, ela assume o papel de mulher maravilha, a que dá conta de tudo, a mulher multitarefa. Como esse fardo é pesado, tiram nossa humanidade, não choramos porque não temos tempo e descansar parece coisa de gente fraca, queremos ser fortes o tempo todo. Desde crianças nos tratam diferente e nos apresentam o mundo doméstico, a maternidade e o casamento como peças-chaves para a felicidade. Meninos brincam de carrinhos, enquanto meninas brincam de cuidar de bonecas como se fossem bebês de verdade, e, afinal, o menino não vai ser pai um dia? Por que ele não é ensinado também? É o machismo enraizado, é o medo da sensibilidade enfraquecer o menino e isso também se incorpora em nós, temos medo de parecermos fracas e medo de falhar naquilo que o patriarcado nos designou: ser mãe.

A questão de gênero é enraizada, desde que somos crianças ela está presente, quando o menino é escolhido por ser menino e não por ser mais capaz que a menina em campeonatos escolares, por exemplo, ao se tornarem adolescentes as meninas devem se preocupar com que os meninos pensam delas, e não ao contrário. Chimamanda Adichie (2014, p. 41) já dizia que “o problema da questão de gênero é que ela prescreve como devemos ser em vez de reconhecer

como somos”. Então sempre estamos nos perguntando: quem somos nós? Ou melhor, o que nos manipulam para que sejamos?

A figura da mulher foi muito comercializada, imagens de mulheres chamam atenção porque homens são ensinados a olhar para as mesmas e observarem cada curva do seu corpo e é até hoje isso perdura. Se antes eram anúncios de produtos domésticos, agora a boa imagem é ainda mais comercializada, nas propagandas, nas publicidades das redes sociais, na criação de plataformas como Onlyfans⁵, que alimentam a indústria pornográfica.

Após 1960, década que o feminismo floresce e se coloca dentro da sociedade, houve uma mudança nos anúncios de jornais, as propagandas direcionada as mulheres, a indicação era de se cuidar mais e mais e não só cuidar da casa, mas da sua beleza e da sua jovialidade. As mulheres antes eram influenciadas pelos anúncios de produtos para o lar, o melhor sabão, o melhor tempero, as melhores receitas para fazer nos jantares em família.

Foi no período do pós Segunda Guerra Mundial que houve uma produção em massa da imprensa para garantir que as mulheres voltassem para o lar; então eletrodomésticos para usos específicos começaram a serem fabricados e nos jornais haviam tópicos oferecidos para melhorar na cozinha, com dicas de pratos novos que poderiam surpreender o marido e visitas, com várias receitas. Agora está havendo uma transição: antes preocupada com o lar, nesse momento com a beleza. “Hoje, portanto, beleza implica a aquisição de supostas maravilhas em forma de cosmético” (SANT’ANNA, 2014, p. 14) A maquiagem que era vista como coisa de mulheres más intencionadas, atualmente faz parte do dia a dia de milhares de mulheres no mundo. Desde o início do século XX a beleza se torna objeto de discussão e se torna algo necessário para viver. Afinal, a boa imagem te faz conseguir um bom emprego, um/a parceiro/a legal e chama a atenção das pessoas. Mas o que consideramos belo? E o que determinamos ser feio? Como a classe, gênero e etnia se relacionam no quesito beleza?

4.1. O aprisionamento do corpo: a busca incansável pela beleza

O momento do Brasil era de pré-ditadura militar, a repressão já dava seus primeiros (novos, velhos) passos, afinal, a repressão não era algo necessariamente novo na história do Brasil. Apesar de ser um contexto conturbado de muita efervescência política e cultural, o movimento feminista apontava novas possibilidades para mulheres que viviam reprimidas e

⁵ Plataforma digital privada, na maioria são conteúdos eróticos, em que mulheres aparecem nessa rede com vídeos ou fotos bastante sensuais e ganham por isso. Isso alimenta a indústria pornográfica que vende de forma digital o corpo dessas mulheres e lucra com sua exposição, mas que acaba por categorizar essas mulheres a um corpo carnal como se ela não fosse nada além de seus seios e glúteos.

presas em normas de que “mulher não pode isso, mulher não pode aquilo”. Emerge a pílula anticoncepcional, as mulheres agora poderiam ter controle sobre seus corpos e engravidarem quando acharem que era o momento. Foi libertador romper com a ideia de sexo ser ligado à procriação e ser associado após isso ao prazer, as mulheres que antes não deveriam sentir prazer por ser associado ao pecado falavam de sexo abertamente e compartilhavam dicas de como é importante o autoconhecimento do corpo. Como Pinsky (2013) explica:

Porém, houve um espaço em que, mais do que todos os outros, a questão da “liberação sexual” da mulher ganhou os holofotes: os grupos feministas que agitavam o Brasil e o mundo nos anos 1970. Neles, fazer da mulher alguém “dona de seu próprio corpo”, com “direito ao prazer”, ao orgasmo, e a ter filhos “se e quando” quisesse era bandeira de luta (PINSKY, 2013, p. 251).

As mulheres começavam a ensaiar a conquista de seus direitos reprodutivos, não precisavam mais se ver apenas no lugar subalterno da doméstica, mãe e esposa, poderia trabalhar, estudar e se destacar na sociedade. Se antes o que as aprisionava era apenas o lar, atualmente o que as deixa insegura e com problemas de autoestima é a nova forma de coerção criada pelo patriarcado. Se no século XIX ser cheinha simbolizava saúde e que se tinha condições financeiras para comer bem, no século XX ser gorda é associada ao feio, ao estranho, aquilo que ninguém quer ser, porque homens não gostam de mulheres gordas, preferem as magras, apesar de muitos não serem homens capas de revista abdômen de tanquinho e musculosos, isso acontece pelo fato de que como fala Naomi Wolf (1992, p. 15): “encarnar a beleza é uma obrigação para as mulheres, não para os homens, situação esta necessária e natural por ser biológica, sexual e evolutiva”.

Nós estamos presas em um novo sistema de coerção e de repressão, em que saímos do lar para trabalhar, mas ainda temos que priorizar cuidar da família, se filhos adoecem a mãe falta no trabalho para cuidar da criança, reunião escolar, por exemplo, continua a ser responsabilidade feminina, fazer serviços domésticos também e agora cuidar da beleza para seus homens “*não precisarem procurar na rua o que não tem em casa*”. Essa é uma frase bem machista, mas é a realidade: as mulheres depois que têm bebês precisam lidar com as mudanças no seu corpo e com a exaustão da maternidade, enquanto seus designados como parceiros se incomodam por encontrar as mesmas estressadas, desarrumados e cansadas. Reclamam para os amigos que a esposa se descuidou e que não sente mais atração por ela. Anúncios de jornais dos finais dos anos 1950 já sinalizavam sobre isso, de que apesar da independência, seu maior empreendimento deve ser seu marido, é para ele que deve se vestir bem e se arrumar como se fosse receber uma visita.

Figura 3 – Avulsos

AVULSOS

CUIDADOS DE BELEZA PARA O HOMEM MAIS IMPORTANTE DE SUA VIDA: SEU MARIDO

Muitas mulheres apenas se preocupam com os cuidados de beleza, por ocasião de um programa qualquer, como por exemplo uma festa, o que vale dizer que tais mulheres incorrem em falta que se tradus em prejuízos para si próprias.

Abordando êste assunto, a cronista feminina de uma revista de Nova York não titubeou em censurar as mulheres que assim agem, fazendo vêr às suas leitoras que a mulher, antes de agradar aos outros, embelezando-se para uma exibição em público, tem a obrigação de embelezar-se para seu próprio marido, que é o homem mais importante de sua vida.

“Não há homem que não aprecie chegar à casa depois de um dia de trabalho agitado no escritório” — escreve a jornalista em apreço — “e encontre a esposa arrumada e com um aspecto atraente, como se estivesse à espera de uma visita”.

Eis, portanto, os cuidados de beleza que ela aconselha a tôdas as mulheres:

Após o banho, antes da maquilágem normal, caseira, espalho sôbre o rosto uma boa camada de crême; alguns minutos depois, remova todo o crême e então maquile o rosto. Isto proporcionará à cútis um frescor agradável, emprestando-lhe um aspecto mais atraente.

Os cabelos devem ser escovados e arrançados como si fossemos sair à rua, e as unhas devem ser examinadas, pois talvez necessitem de um retoque. Um tônico para as mãos (ou o próprio crême que usamos para o rosto), deve ser usado especialmente pelas mulheres que têm a seu cargo os serviços da casa. Um pouquinho de perfume ou água de colônia atrás das orelhas completa êsses cuidados e dá à mulher mais feminilidade.

“O homem que chega em casa e encontra a esposa assim” — frisa a cronista — “esquece a mulher que admirou quando por êle passou na rua e se sente feliz e satisfeito de ter, em casa, alguém, talvez ainda mais atraente, à sua espera...” (N. E.)

Fonte: Jornal das Moças, n. 2315, 1959 (s/p)⁶

Nesse recorte do Jornal das Moças podemos perceber como era importante se arrumar para o marido para ele não ter olhos para as outras. Vamos refletir sobre esse trecho do último parágrafo desse recorte: “esquece a mulher que admirou na rua e se sente feliz e satisfeito de ter, em casa, alguém talvez ainda mais atraente, à sua espera...”, é como se fosse nossa responsabilidade garantir que os homens sejam fiéis no relacionamento e garantir que ele não precise procurar nada na rua, dentro de uma perspectiva da monocultura dos afetos –, é aprisionar a mulher não só ao lar, mas ao mito da beleza, à nova forma de controle do patriarcado com o modelo padrão de mulher.

Ela se fortaleceu para assumir a função de coerção social que os mitos da maternidade, domesticidade, castidade e passividade não conseguem mais realizar. Ela procura neste instante destruir psicologicamente e às ocultas tudo de positivo que o feminismo proporcionou às mulheres material e publicamente (WOLF, 1992, p. 13).

Infelizmente não estamos livres, a ditadura da beleza continua a nos aprisionar e exigir que devemos obedecer a lei de uma beleza universal que não existe, mas o que caracterizam como universal é o padrão de mulher branca, ocidental e magra. E as outras são associadas ao feio e isso enfraquece o que o feminismo vem construindo nas suas ideias de libertação das mulheres, mas o mito da beleza desde meados do século XX vem tirando de nós nossa autonomia e nosso direito de sermos quem quisermos ser.

Atualmente, com as redes sociais, acabamos consumindo muita coisa, parece que todo mundo tem vida perfeita, são felizes e ricos e só nossa realidade é ruim. No nicho da beleza, corpo definido, pele limpa e sem poros, cabelo bem cuidado e sempre arrumada com uso de produtos que parecem fazer milagres acabam causando comparações e plantando sementes de não se aceitar como é e ver nos procedimentos estéticos e cirurgias plásticas uma maneira de alcançar a felicidade, com uma desculpa bem a cara do mito da beleza: “*eu fiz para me sentir bem comigo mesma e me sentir ainda mais linda*”. Será mesmo? Ou isso se trata de os outros te acharem bonita e você se importar com a opinião de fulano para se sentir bonita ou feia? Esse tipo de debate vem sendo bastante comum pelo fato de mulheres estarem se agarrando na filosofia da autoestima para deitarem numa mesa de cirurgia e deixarem que modifiquem seus corpos, que machuquem sua carne, seu psicológico, para fazer parte de um grupo e não se sentir fora da casinha.

⁶ Consultado no acervo digital da Hemeroteca Brasileira (<http://bndigital.bn.gov.br/>).

Precisamos levar em consideração como nós mulheres somos massa de manobra do mercado capitalista, para ser bonito como esperam que sejam precisa se gastar muito, não é uma realidade para todas. A mulher que trabalha o mês todo para ganhar um salário mínimo não tem como eliminar a gordura da barriga fazendo uma *lipolad* porque o valor da cirurgia é superior ao que ela ganha e ela é a provedora da sua casa, então ela odeia o corpo dela por não ser parecido com a da blogueira da Internet.

No Brasil, segundo dados da Sociedade Internacional de Cirurgias Plásticas (2022)⁷, se realizou no ano de 2020 cerca de 1,3 milhões de cirurgias, perdendo para os Estados Unidos, que segue liderando o ranking, e o Brasil em segundo lugar. Ainda de acordo com a pesquisa, quando se trata da distribuição desses números por gêneros, “o levantamento indicou que, no panorama mundial, 86,3% dos procedimentos cirúrgicos são realizados por mulheres e 13,7% por homens”. As mulheres fazem em maior número a mamoplastia (modificar o tamanho dos seios) e os homens blefaroplastia (cirurgia das pálpebras). E a busca pelo corpo perfeito cresce constantemente, fazer exercícios físicos se tornou apenas uma forma de manter o corpo moldado pelos cirurgiões, muitas famosas como Gkay (Gessica Kayane) e Virgínia Fonseca foram muito criticadas nas redes por fazerem cirurgias vistas por muitos como seguidores como desnecessárias. Fotos de antes e depois das mesmas foram divulgadas em forma de vídeo para mostrar que “*you não é feia, apenas não tem dinheiro*”.

As pessoas passaram a almejar não uma carreira, um bom carro ou uma casa própria, mas o corpo perfeito na tentativa de alcançar a felicidade, com o avanço da tecnologia e a avalanche de informações difundidas nas redes sociais passam a ideia de que tudo pode se resolver numa mesa de cirurgia; acaba acontecendo o que a Dra. Ana Beatriz Barbosa⁸ nos diz sobre o vivermos num efeito manada – se muita gente fala tanto do corpo perfeito, de como sempre dá pra melhorar e ficar mais linda, as pessoas que estão nas redes regidas por um algoritmo que controla o conteúdo que você gosta mandando pra sua *timeline* os assuntos que você mais gosta, acaba por ser influenciado a seguir aquele padrão. É o efeito manada, você segue os outros porque acredita que se a maioria faz então está certo.

Toda essa exigência do corpo padrão adoce as mulheres, passamos a ter uma imagem programada do que consideramos belo e sem percebemos estamos presas dentro de um sistema machista e patriarcal, pois são estes que criaram os mecanismos de controle social do corpo

⁷ Disponível em: <https://valor.globo.com/patrocinado/dino/noticia/2022/08/05/brasil-ocupa-o-segundo-lugar-no-ranking-de-paises-que-mais-realiza-cirurgias-plastica.ghtml>. Acesso em: 15 abr. 2023.

⁸ Dra. Ana Beatriz Barbosa é psiquiatra e podemos encontrar sua visão sobre o efeito manada neste link <https://youtu.be/mtan6lFHeC>. Acesso em: 15 abr. 2023.

feminino, são os mesmos que incentivam o ódio entre as mulheres e lucram com esse fenômeno. O feio não vende bem, mulheres bonitas em lojas chamam atenção para que clientes entrem no estabelecimento. Também, além de lindas, devem ser educadas e passar um olhar angelical para que reforce o estereótipo da mulher meiga, como Naomi Wolf nos alerta: “o mito da beleza na realidade sempre determina o comportamento, não a aparência” (WOLF, 1992, p.17). Então o estético é só a ponta do iceberg, até chegar ao final temos muitas surpresas desagradáveis. A dominação masculina com o poderio nas instituições, empresas e organizações milionárias nos levar a crer no quanto somos regidas por padrões estéticos e de comportamento que o sexo masculino estabelece.

Qual é o padrão de mulher aceito e bem visto na sociedade no quesito comportamento? É a mulher ingênua, mais bonita, a obediente, a sensual na medida, aquela que sabe lidar com seus parceiros. Isso me leva a refletir como há um fetiche em torno do homem considerado dominador, o masoquista, o sadomasoquista, o homem que manda e você obedece é tão romantizada e não se vê as problemáticas em torno desse tipo de homem e como o mito da beleza está também inserido nesse contexto.

Temos um exemplo famoso do filme *Cinquenta Tons de Cinza*, mundialmente famoso. Cristian Grey é um homem que esbanja sensualidade, firmeza e dominação, ele pode ter todas as mulheres à seus pés, é rico, poderoso e desejado. Cristian trata as mulheres como objetos sexual, ele gosta de bater nelas usando chicotes, por exemplo, têm um livro de todas as mulheres com quem já teve relações sexuais, todas muito bonitas. Mas seu troféu é Anastácia Still, a jornalista meiga, sem experiência sexual e de classe média. Anastácia é a típica mulher que diverte o dominador porque ela não é fácil e ele precisa conquistá-la, ele acha que ela é o padrão de mulher que ele procurava: bonita, obediente e elegante. O que nos leva a considerar que o mito da beleza te aprisiona em dois aspectos: beleza física e comportamento. Isso acontece pelo fato da beleza física ser um abrir de portas ou não, como pontua Wolf (1992, p. 79): “a menina aprende que as histórias acontecem a mulheres ‘lindas’, sejam elas interessantes ou não. E, interessantes ou não, as histórias não acontecem a mulheres que não sejam ‘lindas’. Tudo acontece se você for bonita, se for considerada “feia”, sua vida permanecerá a mesma”. É injusto esperar o que chamamos atualmente na Internet de *glow up*, uma expressão em inglês que significa “melhorar”, mudar aspectos físicos num curto espaço de tempo como passar da fase da pré-adolescência para uma adolescência ou depois de sair do Ensino Médio, esse tipo de conteúdo foi bastante produzido no pós-pandemia em 2021/2022. Pensar nessa perspectiva de “melhorar” como experiência pessoal é uma coisa, mas “melhorar” para ser aceita/o é estar

no efeito manada, no caso das mulheres isso rompe com as ideias feministas de aceitação do corpo e passamos a caminhar nas regras do patriarcado novamente.

4.2. Que lugar ocupa a “Outra da Outra”?

A criação da mulher perfeita vem sendo produzida desde o século XIX com o uso de espartilhos para se mostrar magra e elegante e com o uso do pó de arroz. A maquiagem ainda era condenada nessa época, porém no início do século XX ser belo se torna uma necessidade, estarem bem vestidas, maquiadas e cheirosas era o básico para a imagem de mulher vaidosa e bem cuidada. A pele devia estar sempre limpa, e ter cuidados para não ter uma pele considerada “encardida”, as pessoas negras sofriam com o estigma da pele suja e porque a maioria não tinha cabelos lisos, mas crespos, elas nunca estariam dentro do padrão do que é considerado belo. Assim como as mulheres gordas, que sofrem diariamente com o preconceito em torno de seus corpos como aquele considerado feio, doente e infeliz. Apesar do feminismo estar firme na defesa da aceitação do corpo, jornais das décadas de 1950-1960 já vinham falando da mulher ideal e da importância de se cuidar.

O século XX foi a época em que o discurso sobre o corpo estava em ascensão, a prática de exercícios físicos vinha com muita notoriedade, o corpo saudável, belo e jovem; era preciso fazer de tudo para se encaixar na nova construção do belo. Naomi Wolf (1992) já nos chamava atenção quando ela pensava que as mulheres que trabalhavam em ambientes agrícolas e que vendiam sua mão de obra não teriam tempo para se maquiar ou sentar na varanda para tomar banho de sol, pensar se eram bonitas ou feias não era a maior de suas preocupações, sobreviver sim, era uma preocupação. Então ela nos recorda em relação “ao dom ou da maldição da sua beleza”. Se você tiver o dom da beleza ocidental: ser branca, magra e bonita, terá maiores chances de ter uma vida diferente das mulheres gordas, negras e africanas, por exemplo. É aqui que entra o nosso debate: que lugar ocupa a Outra da Outra? Como são vistas na sociedade? Essa Outra da Outra que estar categoricamente numa escala abaixo dos homens brancos ou negros e abaixo das mulheres brancas que nunca escala de privilégio estão na situação de sofrerem com a violência de gênero, e as mulheres negras é a Outra desta Outra que também é vítima do sistema patriarcal, a diferença é que as mulheres negras sofrem também com o racismo.

Parece que quando falamos em mulheres estamos falando de uma única categoria, mas no decorrer deste trabalho já percebemos como somos múltiplas e que nem todas lutam a mesma batalha. As mulheres brancas se diferem das mulheres negras, assim como as mulheres gordas

se diferem das magras. Todas devem levantar a bandeira do feminismo, mas dentro do movimento levantar as pautas que afligem seus grupos. Como dito em capítulos anteriores, no caso da mulher negra ela sofre com o estigma da doméstica e da musa no período do Carnaval. Já dizia Lélia Gonzalez (2020 [1984]): “Carnaval. Rio de Janeiro, Brasil. As palavras de ordem de sempre: Bebida, Mulher e Samba. Todo mundo obedece e cumpre”. Nesse período em específico, a ideia de *ninguém é de ninguém* virá bordão, as mulheres nesses períodos também fazem a sua campanha do *não é não*, um pedido de respeito de corpos que parecem que pertencem a todos. É durante esse período que a mulher negra vira rainha e ninguém lembra que no outro dia essas mesmas pessoas humilham suas funcionárias negras. O brasileiro parece ter memória curta e joga todo o lixo para baixo do tapete e durante esses períodos a chamada democracia racial é ainda lembrada, para se livrar do peso do racismo estrutural e cotidiano que as pessoas negras sofrem e sobretudo mulheres negras, com o que Kilomba (2019) vai chamar de racismo genderizado, quando se conecta “raça” e gênero. É quando compreendemos que além da violência de gênero de homens ganharem mais que as mulheres é que entendemos que mulheres negras ganham menos que mulheres brancas em muitos casos, que ser uma mulher negra se coloca num local de provação diária da sua capacidade e que a qualquer momento você pode sofrer com o racismo e desqualificarem em razão da sua cor e nos levar de volta para um passado colonial e ter contato novamente com o trauma.

E como lembramos das mulheres negras? Como mulheres quentes? Bravas? Sujas? Mal-educadas? Se quem tem cacho é rainha como dizem as propagandas, porque no dia a dia as meninas negras são chamadas de cabelo de Bombril ou ninguém quer parecer negro e se diz pardo para não se assumir com negra/negro? Onde fica a autoestima da mulher preta e da mulher gorda? Ou esse papo de autoestima é para a branca e magra de classe média?

Eu faço essa provocação pelo fato de ainda ser difícil de aceitar por muitos o país que vivemos, não estou falando do “país tropical abençoado por Deus e bonito por natureza”, numa referência à música de Ben Jor, mas do país classista, racista e misógino que vivemos. Parece exagero meu, mas não é nenhum pouco. Quando pessoas de origem humilde difíceis chegam no topo da pirâmide social, menos pessoas como ela conseguem encontrar, é sempre vista como a Outra no meio dos sujeitos. Essa sensação ocorre com a mulheres, sejam brancas ou pretas, gordas ou magras, mas cada uma sente de um jeito. As mulheres gordas, por exemplo, carregam consigo a história única do corpo doente, a comilona que não pode ver comida e odeia dieta e exercícios físicos. A política de aceitação do corpo gordo funciona de forma hipócrita: aceite seu corpo, mas se puder emagreça, sempre com a desculpa da saúde em primeiro lugar ou mude pra se sentir mais bonita. Diante disso podemos compreender como o corpo gordo não é visto

como ideal e sim como algo a ser corrigido isso porque “no começo do século XX, o corpo gordo passou a ser associado à feiura e ao vulgar, e o corpo magro, ao elegante e ao fino. Tinha início a moda da mulher magra, presente até hoje – não só uma moda, uma obsessão pelo emagrecimento” (AGENDES, 2013, p. 03). As mulheres gordas sofrem para comprar roupas, pois a moda não é pensada para elas, as lojas especializadas em modelo Plus Size ainda são poucas e são poucas as mulheres gordas que nos representam na televisão, nos movimentos feministas, nas passarelas, nas redes sociais. E quando aparecem usando roupas consideradas para magros como biquínis, shorts, vestidos colados, acabam lendo comentários maldosos nas redes sociais ou levando olhares de teor negativo nas ruas, sem contar nas piadas feitas menosprezando o corpo gordo escondidas no humor ácido de muitos humoristas.

A mídia e as redes sociais são pioneiras quando o assunto é criar estereótipos em torno dos corpos femininos, tanto magros quanto gordos. É sempre focado na prática de exercícios, perda de gordura, alimentação balanceada, mas são na verdade medidas de coerção do mito da beleza para castigar as mulheres “fora dos padrões” a odiarem seus corpos e esquecerem de que precisam se amar como são e para elas deve ser esse amor e não mudar para ser aceita. O amor próprio é importante para que consigamos enxergar o que estamos fazendo por nós mesmas e não porque queremos aprovação externa. Apesar desse discurso da aceitação do seu próprio corpo ainda não é descartado a possibilidade do emagrecimento como forma de se sentir mais linda, saudável e higiênica, pois criou-se o paradigma da mulher gorda ser fedorenta e mau cuidada. O emagrecimento ainda é visto como consequência da autoaceitação apesar de não ser o objetivo principal, mas será o objetivo final.

Embora o discurso reforce a valorização do corpo gordo, não é descartada a possibilidade de a mulher emagrecer, pois o manual propõe que “o emagrecimento não seja o seu principal objetivo, mas a consequência de uma vida bem vivida”. Isto é, tornar-se magra continua a ser uma possibilidade, mesmo que não a “principal”, apesar do estímulo para a mulher gorda se aceitar e se valorizar (AGENDES, 2013, p. 07).

Diante do que foi exposto, vamos conhecer duas mulheres gordas muito comentadas nas redes sociais: Thaís Carla e Jojo Todynho, que além da questão da exigência dos padrões de beleza, gênero vamos trabalhar o racismo. A primeira é a militante Thaís Carla, uma mulher de 31 anos, bailarina, digital influencer e ativista na defesa das mulheres gordas e na exposição de seus corpos como forma de resistência contra a gordofobia.

Thaís Carla é vítima de muitos comentários maldosos sobre sua aparência física, principalmente quando posta em suas redes vídeos dançando. No período da Páscoa de 2019 ela foi vítima de muitos comentários maldosos por postar uma foto de lingerie e orelhinhas.

Figura 4 – Thaís Carla



Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/amp/Celebridades/noticia/2019/04/thais-carla-vira-coelhinho-e-posa-de-lingerie-de-rendinha-no-instagram.html>. Acesso em: 15 abr. 2023.

Figura 5 – Comentários

- fabiojhoy Mds 😏 nem e questao de preconceito mas e pascoa ne poq nudes ate na pascoa? Nao entendi . Acho ate legal esse negocio de se aceita e tal. Mas respeito fica onde pelo dia q hoje e? Hipocrisia dessas mulheres q aplaudem isso . Ridiculo imagina uma crianca q segue ela vendo esse tipo de coisa .
- jehhhromao Você não é saudável, isso não é saúde.
- evandosantna Já comeu ai uns 50 ovo da Páscoa 😂😂😂
- fran_liberty Depois quando alguém zoa, faz piada diz que é gordofobia, pra quê se expor assim. Não tá bonito! Ter liberdade de expressão não é isso, isso é vulgaridade e poluição visual.

Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/amp/Celebridades/noticia/2019/04/thais-carla-vira-coelhinho-e-posa-de-lingerie-de-rendinha-no-instagram.html>. Acesso em: 15 abr. 2023.

Thaís Carla é diariamente taxada de doente, sofre pressão para emagrecer e os *hates*⁹ detonam cada detalhe do seu corpo, como podemos ver nos comentários acima. São comentários que querem esconder seus preconceitos por trás do discurso religioso, da preocupação com crianças vendo aquele conteúdo, ou da falsa moral de que isto é vulgar. Mas quando são mulheres magras com fotos de biquínis são aplaudidas e adoradas, uma gorda fazendo o mesmo é “poluição visual”. Isso se trata de como o corpo gordo é visto como não humano, “[...] o corpo gordo representa um paradigma estético negativo; um corpo envolvido por preconceitos e estigmas; um corpo que torna a pessoa diferente das demais” (AGENDES, 2013, p. 03). Thaís Carla é vista como símbolo da representatividade das mulheres gordas e as encoraja a não ter vergonha dos seus corpos e continuar na militância.

A próxima a ser analisada é Jojo Todynho, seu nome de batismo é Jordana Gleise de Jesus Menezes, ela é cantora, empresária e já apresentou programas, também faz campanhas publicitárias. Jojo ficou conhecida pela sua música “Que tiro foi esse” e com “Acordei Gostosa”, uma música feita para elevar a autoestima das mulheres, principalmente as mulheres gordas. Jojo participou e foi vencedora do reality show da TV Record A Fazenda 12.

Conhecendo um pouco sobre Jojo Todynho, podemos observar como ela enquanto mulher negra e gorda sofre com a disseminação de preconceitos em torno de seu corpo e com o racismo. Jojo carrega consigo a história única da mulher agressiva e sem paciência, um estereótipo designado às mulheres negras. Durante o reality, foi bastante criticada por confrontar o Mc Biel, um rapaz branco e que já foi muito famoso. Sua participação gerou muitos memes na Internet; o principal é ela quebrando uma garrafa com a mão para não bater em ninguém e colocar sua raiva para fora.

⁹ Na internet, usamos essa palavra para classificar aqueles clientes ou pessoas que vão até uma página para criticar, xingar. São extremamente negativos e enxergam problema em tudo, ou seja, se a sua página já tem haters conhecidos, fique de olho neles. Disponível em: <https://www.inspiraon.com.br>

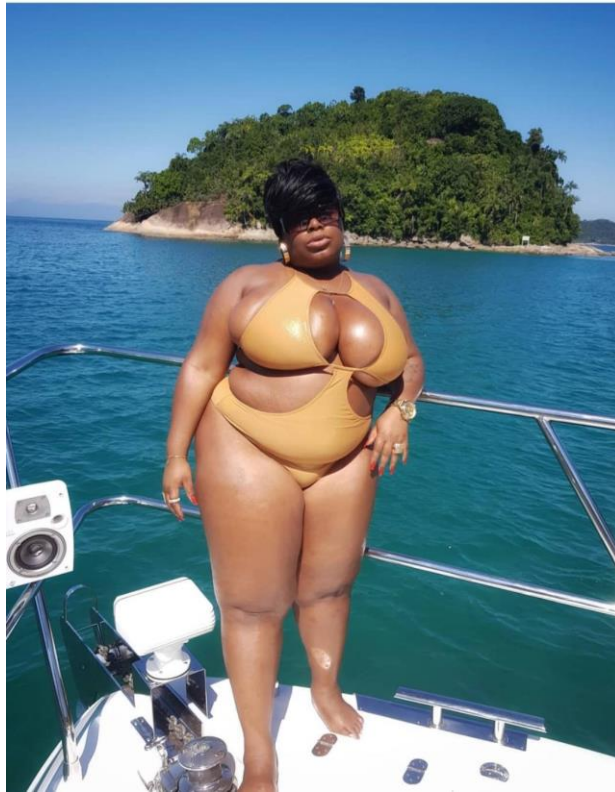
Figura 6 – Jojo Todynho quebra garrafa com a mão



Disponível em: <https://twitter.com/euleodias/status/1311486001165070338>. Acesso em: 15 abr. 2023

Essa imagem coloca Jojo no estereótipo da mulher negra como selvagem, aquela que não se controla, a que não vai encontrar um homem se tiver tanta personalidade; ela não faz parte do padrão de ideal, ela grita, fala palavrão e não leva desaforo para casa, tiram dela e das mulheres negras que fazem coisas consideradas masculinas o direito de serem mulheres como as outras. São vistas como baixas, como pobres e que gostam de chamar atenção, além de ser gorda, ser uma mulher preta a coloca no cesto da ignorância que é uma mulher de pouca higiene e ainda mais, sem vaidade. Durante o reality a produção usou a figura de Jojo para mostrá-la como agressiva. O que ocorre é uma ridicularização em torno do corpo negro e quando são mulheres gordas e negras essa ridicularização é pior, pois são associadas a animais, tiram novamente a característica de humanas, principalmente como no caso de Thaís Carla postar fotos nas redes gera um movimento entre os elogios e as críticas desumanas sobre a aparência física, neste caso de Jojo Todynho.

Figura 7 – Jojo de maiô



Disponível em: <https://catracalivre.com.br/cidadania/jojo-todynho-preconceito/> acessado 15 de abril.

Jojo todynho recebeu duras críticas sobre seu corpo após postar a imagem acima nas redes sociais, comentários como: “*é impressão minha ou parece um hipopótamo?*”, “*É um elefante? É um mamute? Não, é só a Jojo Todynho KAKAKAKAKAKA*”. Classificam as mulheres gordas como animais e não se sentem mal por fazer isto, pelo fato de um grupo em específico se sentir superior ao outro, seja por questões de gênero, etnia, corpo ou classe. Como falar de autoestima se esse falso discurso não se aplica às mulheres negras e gordas, se elas precisam se moldar para serem aceitas, dizem admirar nossos cachos ou os crespos e na primeira oportunidade nos perguntam se não queremos alisar nossos cabelos.

Quando é no caso das mulheres gordas, perguntam se sua saúde está em dia e se não têm o desejo de emagrecer, recomendam “fechar a boca”, fazer exercícios físicos e quando elogiam é sempre um “você é tão linda de rosto” ou dizer que acha que você emagreceu.

Jojo tem uma música com o nome de “Acordei Gostosa” que fala do empoderamento feminino, amar seu corpo como ele é e um alerta de quando a mulher diz que não é não.

E aí? Gostosa pra caralho
 Ai, que isso, amor?
 Quando eu olho no espelho

Não existe corpo melhor do que o meu
 Ai!
Acordei gostosa, acordei gostosa
 Acordei me amando, olhando no espelho
E logo percebo: Eu sou poderosa
 Acordei gostosa, acordei gostosa
Tem que se amar em primeiro lugar
 O look pronto, é só se jogar
 [...]

Mulher, quando tá pronta, não quer guerra com ninguém, hein?
 E se o biquíni não for P, eu nem quero. *Respeita a nossa história Mulheres levantam mulheres, somos donas da porra toda*
 Bota aquele biquininho P, taca o rabetão pra cima
 [...]

Gostasas! (Gostosa pra caralho)
 Donas da porra toda (ai)
 Vai com tudo, pode tudo
E quando a mulher diz que não, é não
 (Grifos nossos)¹⁰

Os grifos acima são palavras de afirmação para elevar a autoestima das mulheres, principalmente as negras e gordas. Quando ela diz “*não existe corpo melhor do que o meu*”, é referência a aceitação do seu corpo como ele é, sentir orgulho das suas características, “*acordei gostosa, acordei gostosa*”, “*e logo percebo eu sou poderosa*”, é fazer o exercício contrário da exigência do corpo padrão: eu posso ser sexy, poderosa e linda com meu corpo real da mesma forma que alguém que faz procedimentos estéticos ou exercícios físicos, é uma música que vai além do corpo gordo no quesito saúde, mas como as mulheres no geral precisam se sentir bem como são no sentido psicológico, sem precisar de comparações. “*Tem que se amar em primeiro lugar*”, acima do que os homens pensam e do que outras mulheres possam vir a pensar é assumir sua identidade, ser o *sujeito* e não mais a *outra*. “*Respeita a nossa história, mulheres, levantam mulheres, somos donas da porra toda*”. Ela faz uma ressalva à nossa história de resistência e da importância de deixar de lado a rivalidade feminina e se unir para chegarem onde quiserem. “*E quando mulher diz que é não, é não*”, frisa o quanto é necessário o respeito à decisão das mulheres, pois elas são donas de si mesmas, são protagonistas da sua vida e da sua história.

Aa pessoas acreditam num padrão universal de beleza, o padrão ocidental, ao fugir desse parâmetro nos colocam no lugar da Outra, ou da outra da Outra, mas graças às políticas de incentivo que o feminismo negro vem incorporando, já acontece um movimento contrário aos padrões de beleza enquanto necessidade para se considerar feliz; são muitos desafios, não é fácil ser uma pessoa negra e sobretudo mulher negra, muito menos ser uma pessoa gorda e não

¹⁰ Disponível em: <https://m.letras.mus.br/jojo-marontinni/acordei-gostosa>. Acesso em: 15 abr. 2023.

ter vergonha de quem é, mas precisamos ser militantes e romper com o estereótipo da beleza branca, magra e ocidental, somos múltiplos, múltiplas e múltiplos, afinal.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mulheres desde a criação, para o mundo cristão com o mito do pecado original, são colocadas em um papel de subalternidade, como aquela impossibilitada de tomar decisões e sempre responsável pela desordem ao redor. Inferiorizadas e tratadas como perigosas, foram por muito tempo colocadas as margens da sociedade e tratadas como *objetos*. No entanto, apesar das forças conservadoras, do poder religioso nesta sociedade patriarcal, desde sempre tivemos e temos figuras de mulheres resistentes a esses padrões únicos do que é ser mulher, mesmo que isto tenha-lhes custado a vida. O que acontece é que na sociedade em que vivemos, regrada por dispositivos de controle, as mulheres estão dentro de uma estrutura machista, racista e patriarcal que tiram delas sua identidade, seus desejos e dizem que devem seguir um perfil de mulheres submissas para agradarem o sexo masculino e alcançarem a felicidade.

Inseridas dentro de um sistema conversador e baseadas em princípios capitalistas, a mulher multitarefa acredita que dar conta de tudo é sua maior qualidade, sem perceber que está sendo domesticada pelo mercado do capital, que por muito tempo dominaram seu sistema reprodutor, e as colocando em papéis de mãe, esposa e dona de casa, usando de mecanismo de controle para garantir que as mulheres permanecem paradas na sua própria história. Desde a chegada às farmácias da pílula anticoncepcional, elas entendem que podem decidir quando ou não engravidar e assim terem esperança de conseguir um bom trabalho ou estudar, ser dona de casa já não estava no topo dos sonhos.

Graças ao feminismo de “primeira onda” que as mulheres, nesse momento brancas, começam a lutar pelo direito de trabalhar e a partir de um momento que coincidia com a “segunda onda” as mulheres negras lutam pelo direito de existirem em sociedade e no próprio feminismo. Discutiam-se as categorias de mulheres, as formas de opressão que cada grupo passa e cumprimos nosso objetivo de problematizar a existência da Outra da Outra, mesmo enfrentando o peso do racismo, do sexismo, dos padrões de beleza e das desigualdades sociais.

As mulheres enfrentaram (e continuamos enfrentando) muitos desafios, hoje com mais representatividade, mais alcance do que no final do século XIX e início do século XX, hoje temos mulheres que lutam pela visibilidade de nossas conquistas e que problematizam as questões raciais, a indústria da beleza enquanto um forte oponente que termina por nos controlar e nos fazer acreditar que retardar a idade com procedimentos estéticos é a única forma de sentir-se linda, de que tudo se resolve numa mesa de cirurgia com alguns cortes e assim terá o corpo perfeito. Os mecanismos de controle vão se aprimorando, mas continuam existindo e se adaptando a cada fase da vida das mulheres. Se antes eram os produtos de limpeza que faziam

sucesso entre a mulherada, atualmente são roupas da moda, cirurgias e procedimentos estéticos, tudo isto com a intenção de ser aceita socialmente e não querer ser vista como diferente; são aprisionadas dentro de seus próprios corpos.

Muitas vezes as mulheres são reduzidas a meros úteros, a figura de mãe e protetora, classificadas como seres universais, sem particularidades, focando muitas vezes na mulher branca, magra e ocidental, a mulher biológica, “de nascença”. Esquecendo-se das mulheres trans, das mulheres indígenas, das mulheres negras e das mulheres gordas, a citar algumas dentre tantas “outras” possíveis, estas que sofrem com o estigma da beleza historicamente enraizado que as (nos) associam a animais pela sua (nossa) cor ou pelo seu (nosso) corpo. Nós mulheres somos ensinadas a odiar seus (nossos) corpos, sua cor, seus desejos, e tudo isso é consequência do sistema patriarcal em que estamos inseridas. Apesar da resistência de muitos grupos, seu fim ainda aponta para uma caminhada longa, mas que fica menor a cada dia com o protagonismo e experiências de resistência de nós mulheres comuns, negras, lutando pela sobrevivência e por seu (nosso) direito de existir em uma sociedade que é também estruturalmente racista.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- AGENDES, Silva, Daniela. Gordas, sim, por que não?": o discurso de mulheres gordas no blog Mulherão. **Anais do Seminário Nacional Linguagens e Ensino**, Universidade Católica de Pelotas, 7, 2012.
- CARNEIRO, Sueli. **Mulheres em movimento**. Estudos Avançados, São Paulo, p. 117-131, 2003.
- FEDERICI, Silvia. **Calibã e bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Elefante, 2017.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. São Paulo: Graal, 2013.
- GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *In*: GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000. (p. 75-93).
- KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**. Episódios de Racismo Cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- MARTINS, Giselle Barreto; LIMA, Guilherme Cunha. Biquíni, juventude e contestação no Rio de Janeiro: 1960-1970. **Academia**, São Paulo, v. 01, p. 143-163, 2015.
- PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013.
- POTIGUARA, Eliane. **Metade cara, metade máscara**. 3. ed. Rio de Janeiro: Grumin, 2018.
- RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **História da Beleza no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2014.
- WOLF, Naomi. **O mito da beleza: como as imagens são usadas contra as mulheres**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.